MARÉS

Revista da Mútua dos Pescadores para o Mar e Economia Social

SEGUROS MÚTUA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - EDIÇÃO QUADRIMESTRAL - #90 – DEZEMBRO 2023

Energia renovável a que custo?

- Eólicas no mar em debate
- Nova rubrica – Coisas singelas dos Navios e do Mar

PONTO SEGURO
mediação de seguros, S.A.

SEDE
Av. Santos Dumont, 57 - 2.º Esq. 1050 - 202 Lisboa
pontoseguro@pontoseguro.pt
www.pontoseguro.pt

SOLUÇÕES ESPECIALIZADAS

- *Particulares*
- *Empresas*
- *Autarquias*
- Entidades Públicas e Privadas
- *Parcerias com Economia Social*

ALCANENA
Rua do Lavradio, C/V - B3
2380-091 Alcanena
T.: 249 899 332
E.: alcanena@pontoseguro.pt

ALHOS VEDROS
Praça da República, 9
2860-030 Alhos Vedros
T.: 961 518 460
E.: paula.justo@pontoseguro.pt

AVEIRO
Av. José Estevão, 595-A
3830-595 Gafanha da Nazaré
T.: 962 621 758
E.: aveiro@pontoseguro.pt

ÉVORA
Rua de Timor, N.º 23 - Fração B - R/C Drt.
Horta dos Malhões
7005-161 Évora
T.: 963 470 871
E.: evora@pontoseguro.pt

GRÂNDOLA
Rua Afonso de Albuquerque, 2
7570-174 Grândola
T.: 967 287 102
E.: grandola@pontoseguro.pt

HORTA
Rua Nova, 1
Angústias
9900-023 Horta
T.: 962 621 820
E.: horta@pontoseguro.pt

MATOSINHOS
Rua de Brito e Cunha, 325
4450-087 Matosinhos
T.: 962 342 341
E.: matosinhos@pontoseguro.pt

FUNCHAL
Rua 5 de Outubro, 22
9000-056 Funchal
T.: 291 222 758
E.: funchal@pontoseguro.pt

OLHÃO
Rua do Caminho de Ferro, 4
8700-425 Olhão
T.: 969 363 003
E.: olhao@pontoseguro.pt

PENICHE
Rua Nova, 1
Angústias
9900-023 Horta
T.: 969 363 001
E.: horta@pontoseguro.pt

PINHAL NOVO
Rua Infante D. Henrique, Loja 32-B
2955-196 Pinhal Novo
T.: 961 518 470
E.: paulo.ponte@pontoseguro.pt

NAZARÉ
Av. Manuel Remígio (Lance Cerro Morto)
Edifício Foz, Fração B
2450-106 Nazaré
T.: 966 202 861
E.: nazare@pontoseguro.pt

PORTIMÃO
Largo Francisco António Maurício, Lt. 7 - 1º A
8500-535 Portimão
T.: 961 518 466
E.: portimao@pontoseguro.pt

SEIXAL
Rua Conde de Ferreira, 6
2840-505 Seixal
T.: 962 917 513
E.: seixal@pontoseguro.pt

SESIMBRA
Av. da Liberdade, 37 - E
2970-635 Sesimbra
T.: 969 363 002
E.: sesimbra@pontoseguro.pt

SETÚBAL
Rua João de Deus, 5 C
2900-412 Setúbal
T.: 963 461 407
E.: setubal@pontoseguro.pt

SINES
Rua Marquês de Pombal
N.º 64 - A
7520-225 Sines
T.: 963 461 367
E.: sines@pontoseguro.pt

VIANA DO CASTELO
Rua da Altamira, 44 - R/C
4900-337 Viana do Castelo
T.: 925 957 222
E.: viana@pontoseguro.pt

VILA DO CONDE
Av. Infante D. Henrique, 1340
4480-860 Vila do Conde
T.: 969 363 000
E.: viladoconde@pontoseguro.pt

Sumário

4 Editorial

6 Notícias

12 Atividade Cooperativa
- Parabéns Mútua!
- Jornadas do Grupo Mútua

16 Atividade Seguradora
- Escola de Seguros - Incêndio e Multirriscos
- Espaço do Provedor do Utente

20 Crónica – Coisas singelas dos navios e do mar
- Como se lhes há-se chamar? - Comandante São Marcos

22 Investimentos seguros
- Novas embarcações de pesca artesanal na Ericeira

24 Ambiente e Recursos Marinhos
- Energias renováveis no mar: sim, mas a que custo? Associações e ONGs ambientalistas
- O Mar não é dos pescadores!, Luís Vicente, ADAPI – Associação dos Armadores das Pescas Industriais
- A ocupação do espaço marítimo por parques eólicos: mais uma página na crónica de uma morte anunciada, Conselho de Administração da Mútua dos Pescadores

34 Arte e Cultura Marítima
- "Construção Naval… arte como ofício de vida", de José Arsénio
- "Sardinha, o sem fim da pesca do cerco…", de Helder Luís
- "Círio de Nossa Senhora de Tróia", de José António Carvalho
- 100 anos d'Os Pescadores, de Raul Brandão

37 Desportos Náuticos
- Campeonato do Mundo de Vela Adaptada em Portimão: Em nome da inclusão

38 Portos
- 100 anos do Porto de Setúbal - Encontro do Mar

39 Pequenos Anúncios

REVISTA "MARÉS" - ESTATUTO EDITORIAL

A Revista "MARÉS" é uma publicação da Mútua dos Pescadores e tem como objeto o Mar e a Economia Social;
A Revista "MARÉS" aborda as temáticas mais relevantes relacionadas com a atividade da Cooperativa, procurando contribuir para o desenvolvimento económico, técnico e científico dos setores nos quais a Mútua dos Pescadores intervém;
A Revista "MARÉS" é um espaço aberto de informação, reportagem e debate de opinião, ao serviço da pesca profissional, de todas as atividades marítimas e do setor cooperativo e social;
A Revista "MARÉS" é uma publicação institucional e as organizações a montante e a jusante da pesca, o setor da náutica de recreio, as comunidades ribeirinhas, o setor cooperativo e social, os investigadores e ambientalistas e os organismos do poder local e nacional constituem o seu público-alvo, mas também os interlocutores e os colaboradores privilegiados na produção de cada número;
A Revista "MARÉS" pauta a sua conduta editorial pelo rigor da informação e pela liberdade de opinião dos artigos que publica;
A Revista "MARÉS" zela pelo cumprimento rigoroso das normas éticas e deontológicas do jornalismo;
A Revista "MARÉS" tem periodicidade Quadrimestral;
A Revista "MARÉS" tem distribuição gratuita.

CONTACTOS MÚTUA

Viana do Castelo*
258 101 495 / viana@mutuapescadores.pt
Vila do Conde
252 623 265 / viladoconde@mutuapescadores.pt
Matosinhos
229 382 531 / matosinhos@mutuapescadores.pt
Aveiro*
234 368 115 / aveiro@mutuapescadores.pt
Nazaré
262 551 031 / nazare@mutuapescadores.pt
Peniche
262 780 040 / peniche@mutuapescadores.pt

Alcanena*
249 899 332 / alcanena@pontoseguro.pt
Seixal*
212 275 171 / seixal@pontoseguro.pt
Sesimbra
212 231 775 / sesimbra@mutuapescadores.pt
Setúbal*
265 537 343 / setubal@mutuapescadores.pt
Grândola*
269 441 148 / grandola@pontoseguro.pt
Sines*
269 034 962 / sines@mutuapescadores.pt

Évora*
266 709 167 / evora@pontoseguro.pt
Portimão*
282 411 374 / portimao@mutuapescadores.pt
Olhão
289 714 403 / olhao@mutuapescadores.pt
Funchal*
291 222 758 / funchal@mutuapescadores.pt
Ponta Delgada
296 288 940 / pontadelgada@mutuapescadores.pt
Horta
292 391 920 / horta@mutuapescadores.pt

**em parceria*

PROPRIEDADE

EDIÇÃO

• Propriedade> Mútua dos Pescadores - Mútua de Seguros, C.R.L., Av. Santos Dumont, Edifício Mútua, n.º57, 6º 7º e 8º - 1050-202 Lisboa, Tel.: 213 936 300, www.mutuapescadores.pt, geral@mutuapescadores.pt, NIPC 500 726 477 • Diretor> João Delgado • Conselho Editorial> Álvaro Bota Guia, José Luís Cabrita, Vanessa Amorim, Jerónimo Teixeira, Ana Vicente, Carlos Garcês, Marta Pita • Edição, Produção e Publicidade> Bleed - Sociedade Editorial e Organização de Eventos, Lda., Av. das Forças Armadas nº 4, 8ºB, 1600-082 Lisboa, Tel.: 217 957 045/6, info@bleed.pt • Impressão> Grafisol - Rua das Maçarocas, Abrunheira Business Center nº3, 2710-056 Sintra • Tiragem> 8.000 exemplares • N.º Registo> 124498 • Dep.Legal>209498/04
**A Marés adota o Acordo Ortográfico, mas respeita a opção de cada autor*

Traçando o rumo

> editorial: João Delgado

O Contexto

O tempo passa tipo míssil (…). Assim nos alerta e atinge em cheio a claridade triste, a profundidade granítica e a clarividência aveludada da voz da mais nova "guerrilheira" da música portuguesa – a setubalense Cátia Mazari Oliveira – que assina artisticamente como "A Garota Não".

Recorremos à lucidez da arte para constatarmos, caso ainda não o tivéssemos feito, tal é velocidade com que gerimos a vida, que terminamos mais um ano. Um ano cheio de convulsões, ameaças, potencialidades e fissuras por onde encontrar caminhos.

Se no plano internacional os graves conflitos em curso nos deixam boquiabertos, inquietos e preocupados, no plano nacional a instabilidade fomentada e a falta de respostas às reais necessidades das populações também dificulta a capacidade de projetar equilíbrios de futuro a uma cooperativa com as características da Mútua dos Pescadores.

O ano de 2023

Num ano tão exigente, a Mútua dos Pescadores continuou a responder ao que lhe era pedido e a vincar a sua participação na vida das comunidades, atuando nas suas múltiplas dimensões – Económica, Social e Cultural - conferidas por essa natureza diferenciadora de ser cooperativa.

Foi essa ação dinâmica, qualificada, próxima e humanizada que fez com que a Mútua dos Pescadores fosse agraciada com a medalha de mérito da cidade de Vila do Conde, por serviços prestados a esta comunidade, onde nos piores e melhores momentos nunca faltou, assumindo as suas competências e responsabilidades.

Este foi também um ano em que se desdobrou em representações, participando em diversos fóruns onde o Mar, a Pesca, a atividade Seguradora ou o setor Cooperativo e social foram temas de fundo.

Na gestão da nossa missão económica – a atividade seguradora – registamos, com preocupação e pesar – o aumento da sinistralidade face ao período homólogo, em que temos a lamentar 3 mortes e uma perda total de uma embarcação de pesca com impacto significativo. Alterações de grande fôlego no plano das normas contabilísticas, designadamente com a IFRS17, têm colocado à prova a capacidade de trabalho e de resistência da Mútua, sem que sejam adotadas vias de discriminação positiva ou de proporcionalidade atendendo à sua dimensão e natureza cooperativa, cenário já adotado por outros países da União Europeia (UE).

Na dimensão cultural, destacamos as várias apresentações da obra comemorativa dos 80 anos da Mútua "Na Língua da Maré", bem como da obra "Os Pescadores" de Raul Brandão, reeditada para assinalar os cem anos da sua 1º edição, que a Mútua em boa hora apoiou. Estas obras têm servido para informar, formar, debater e refletir sobre a Pesca, as suas comunidades, o seu passado e, fundamentalmente, o que temos para construir o seu futuro.

Relevar também, neste campo, as sempre marcantes iniciativas dirigidas aos mais novos, no sentido de desenvolver e aprofundar a cultura marítima, onde a "A Voz do Operário" tem sido um parceiro fundamental na difusão do conhecimento sobre este universo que nos é tão caro e que contribuímos para perpetuar.

Preparando o futuro assente na memória do que somos

As Jornadas do Grupo Mútua voltaram à normalidade após dois anos de interregno. A bela vila alentejana de Sines acolheu o Grupo para dois dias de trabalho, análise, reflexão e apresentação de propostas. Pela qualidade dos contributos, pela mescla, sempre importante, de juventude e experiência, podemos afirmar que o futuro deste grupo cooperativo está devidamente assegurado!

Ainda assim, não há futuro que se possa gizar sem olharmos o passado, saber quem somos, o caminho que percorremos, de onde viemos e quem nos ajudou a construir a calçada de pedra por onde atualmente caminhamos. Este foi um ano marcado por uma perda inestimável para a nossa cooperativa. Alguém a quem a Mútua muito deve e por quem, também em sua honra e memória, pelos valores e sonhos que sempre o nortearam, levaremos esta embarcação a bom porto. Falamos de um dos maiores nesta casa - Frederico Pereira. O nosso enorme agradecimento pelo muito que nos deu.

A Pesca

Recentemente publicados, os dados relativos à atividade da Pesca entre janeiro e setembro de 2023 voltam a revelar uma realidade preocupante. Se a pesca descarregada teve um aumento de 6,4% face ao ano anterior, já o preço médio na 1ª venda em lota cai 6,37% face ao mesmo período em análise. Se considerarmos a inflação generalizada de bens e serviços, e tendo em conta que o rendimento dos pescadores é diretamente indexado aos valores brutos realizados em lota, facilmente se depreende que há uma quebra significativa de rendimentos, por um lado, que se reflete também numa maior incapacidade de consumo dada a inflação registada – uma dupla penalização, portanto!

Acresce ainda que, não obstante a redução dos preços na primeira venda, os preços praticados ao consumidor final cresceram 5,7%; ou seja, a grande distribuição está a comprar mais barato e a vender ao consumidor final mais caro, cenário que acentua e corrobora as nossas preocupações com a injusta redistribuição da riqueza criada ao longo da cadeia de valor dos produtos da pesca.

Importa também referir passos importantes que o setor tem dado no sentido de algum ressurgimento, tais como o acordo celebrado em novembro entre a Associação Nacional das Organizações de Produtores da Pesca do Cerco (ANOPCERCO) e a Associação Nacional dos Industriais de Conservas de Peixe (ANICP), que permitirá garantir a comercialização entre as partes de pelo menos 14 mil toneladas de sardinha, até dezembro de 2024.

Por outro lado, ao abrigo do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), ainda que aquém das reais necessidades da frota, espera-se a modernização de dezenas de embarcações de pesca, com melhores condições de segurança e mais eficientes energeticamente.

Importa também destacar novas formas de captura, tratamento do pescado e intervenção direta nas relações comerciais por parte dos produtores, de que o caso do atum na Madeira é um bom exemplo que deve ser replicado.

No plano das preocupações e dificuldades, essas mantêm-se e agravaram-se. Desde as limitações de acesso a alguns recursos, à escassez de força de trabalho, que tem refletido a fraca atratividade do setor, junta-se também a espiral inflacionista que tem agravado substancialmente os custos dos fatores de produção.

Temos também questões novas que visam espartilhar ainda mais o setor, tais como o aumento para 30% das áreas marinhas protegidas, que motivou a recolha, por parte da Federação das Pescas dos Açores, de 1768 assinaturas exigindo a suspensão do processo, até que sejam apresentados estudos que avaliem os impactos socioeconómicos para as comunidades dependentes da pesca na região. E ainda a ocupação de 3200km2 de espaço marítimo na costa ocidental portuguesa por parques de produção de energia eólica.

Referir por fim o novo regulamento de controlo da UE, que reforçará ainda mais o perfil centralizador de Bruxelas quanto à gestão das pescas, e aumentará substancialmente as medidas de natureza técnica, burocrática e punitiva, com grande impacto sobretudo na pesca artesanal, que significa cerca de 90% da nossa frota.

A pretexto da preservação, monitorização e exploração racional dos recursos, o objetivo parece-nos ser a concentração do acesso aos recursos, bem como do exercício da própria atividade, em quem tem maior poderio económico para fazer face às exigências crescentes. Enfraquecendo a pesca de pequena escala, reconhecidamente a mais sustentável, diminuindo a governação de proximidade e o papel dos estados-membros numa gestão mais célere e eficaz das pescas e dos recursos disponíveis.

Desta forma, e voltando ao início citando "A Garota Não", *A vida fica difícil! (…)*.

ACR ARTEX THE SCIENCE OF SURVIVAL

SIMRAD

NAVIONICS A Garmin Company

B&G

LOWRANCE

tbs electronics THE POWER OF QUALITY

KODEN

Koden Electronics Co., Ltd.

TIMEZERO powered by MAXSEA

GARMIN

Cobra MARINE

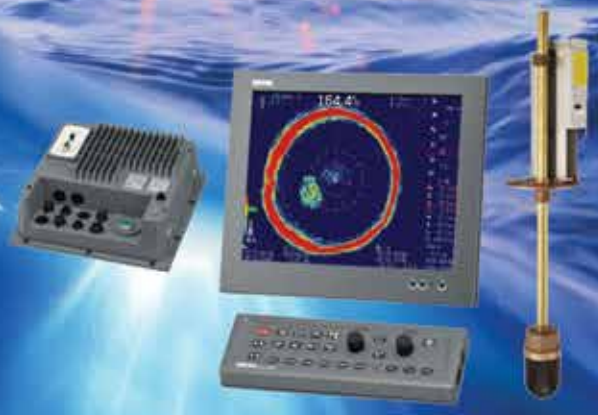
CRISTEC l'energia a bordo

inmarsat

C-MAP

THURAYA stay close

iridium



SONAR KODEN KDS-6000BB

MULTIFUNÇÕES KODEN KSD-1100

SEATEC

Equipamentos de Comunicação e Navegação

"A MELHOR TECNOLOGIA AO MELHOR PREÇO"

Passeio da Rua de Itália, Nº25-Loja D
2775-418 Carcavelos Tel:214457210
www.seatec.pt

Voto de Pesar pelo Falecimento de Frederico Pereira

Assembleia Geral da Mútua dos Pescadores, 12 de setembro de 2023

Foi com profunda consternação e pesar que todos os membros que constituem esta Assembleia Geral receberam a triste notícia do falecimento do nosso dirigente e amigo Frederico Pereira.

As palavras que possamos proferir num momento como este, afiguram-se sempre escassas para fazer justiça ao que o Frederico Pereira significou para uma estrutura como a Mútua dos Pescadores. O Frederico foi um dos mais destacados membros desta cooperativa, um verdeiro construtor da sua história, um resistente sem limites num dos seus mais conturbados períodos (a conhecida crise de 1984), por isso, um exemplo para todos nós.

Mas os impactos desta irreparável perda não se circunscrevem apenas à Cooperativa Mútua dos Pescadores. Esta é uma perda de grande significado para o setor da Pesca em Portugal, para o setor marítimo, para o movimento sindical, entre muitas outras estruturas e causas que sempre abraçou com enorme capacidade de trabalho, capacidade de análise, conhecimento e apurada inteligência. Com um sagaz e refinado humor, marcou indelevelmente todos os que com ele se cruzaram, apesar da sua simplicidade e discrição.

Ao Frederico Pereira, e aos coletivos de que fez parte, se devem grandes conquistas sociais para os trabalhadores do mar, muito particularmente para os trabalhadores do setor da Pesca – recorde-se a conquista da possibilidade de reforma aos 55 anos, por se considerar uma profissão de desgaste rápido, conquista para a qual o Frederico muito contribuiu.

Caberá a todos nós continuar as lutas que tanto deram substância e verdadeiro sentido à vida do Frederico. Esta será sempre a melhor homenagem que lhe possamos fazer.

Pelo tanto que nos deu e pelo muito que nos ensinou, estamos imensamente gratos ao nosso dirigente, companheiro e amigo – Frederico Pereira.

À sua família, os membros que constituem a Assembleia Geral da Mútua dos Pescadores, reunida a doze de setembro de dois mil e vinte e três, endereçam as mais sentidas condolências, prestando neste difícil momento a sua mais profunda solidariedade, garantindo também que tudo fará para que a memória do Frederico, pelo que foi, pelo que fez e pelo que nos proporcionou, não se esbata com o avassalador decurso dos dias.

Jerónimo Teixeira
Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Frederico Pereira

Nasceu a 1 de novembro de 1949, em Lisboa, e vivia no Barreiro.

Trabalhou na Companhia Portuguesa de Pescas e foi dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Agências de Viagens, Transitários e Pesca desde 1974. Fundador da Federação dos Sindicatos da Pesca, de que foi coordenador até 2016, acompanhou a Direção da Mútua, para as questões ligadas aos pescadores, desde os anos setenta, tendo assumido diversas funções de dirigente na cooperativa, entre elas Presidente da Mesa da Assembleia Geral, e a última das quais de Presidente do Conselho Fiscal. Num dos períodos mais conturbados da história da Mútua, em 1984, quando o Governo de então cometeu uma grave ingerência na Mútua, o Frederico foi uma peça fundamental na defesa da instituição. Tal como em todas as organizações e lutas que travou, foi o seu carater forte e as suas convicções que o mobilizaram sempre.

Era também um homem muito dedicado ao trabalho noutras instituições, e acreditava na força do diálogo e da discussão de ideias. Era membro do Fundo de Compensação Salarial dos Profissionais da Pesca, e "sempre trabalhou com a DGRM na adequada defesa dos interesses dos trabalhadores marítimos" (DGRM - Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, na sua página de Facebook, a 1/9/2023). A Docapesca reconhece-lhe a dedicação e o trabalho, em conjunto com os vários parceiros do setor, "na procura de soluções que dignificassem a atividade e garantissem a sua sustentabilidade", e ainda "as suas inabaláveis convicções e robusto conhecimento técnico, o seu forte sentido de compromisso e a constante procura de soluções equilibradas que, por diversas vezes, permitiram atingir acordos e progressos com as várias administrações da empresa, conducentes à melhoria das condições dos nossos trabalhadores." (Docapesca – Portos e Lotas, S.A., na sua página de Facebook, a 4/9/2023)

UNIR PARA INTERVIR

Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Sul com novos órgãos sociais

No dia 10 de setembro tomaram posse os novos órgãos sociais do Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Sul, cuja eleição decorreu em maio. A Lista A foi eleita sob o mote "Unir para intervir e defender os pescadores, defender a Pesca e os Pescadores, valorizar os rendimentos e garantir direitos."

São pescadores, mariscadores e viveiristas "desde o Tejo ao Guadiana", que reivindicam melhores políticas públicas e investimento no setor, que permitam o seu desenvolvimento económico e que "garantam estabilidade e rendimentos aos que nele trabalham".

Apelando à união dos trabalhadores do setor, assumem a bandeira da valorização do pescado na primeira venda, da contratação coletiva, do salário mínimo para o setor, do correto cálculo do tempo para a pensão de reforma, e ainda investimento público que, entre outros, consiga contrariar e reverter os efeitos negativos da Política Comum de Pesca, nomeadamente na gestão de algumas espécies (como o peixe-espada preto que ficou proibido em Portugal, mas que a vizinha Espanha e França continuaram a pescar, contrariando a recomendação da UE, ou a pesca da Raia redonda, que foi proibida depois de os pescadores terem investido nas suas artes de pesca).

As questões ambientais são uma das questões também em cima de mesa, considerando o Sindicato que é aos pescadores que mais interessa a preservação dos ecossistemas, e um equilíbrio entre os diversos usos dos recursos, seja a pesca, turismo, ou produção de energia por exemplo (referindo uma das questões mais atuais, como as eólicas no mar, por concorrerem diretamente com os territórios de pesca e com os próprios recursos). Neste capítulo referem também em concreto a necessidade urgente de despoluição da Ria Formosa.

No campo da segurança marítima, diz o Sindicato, impõe-se ao poder público mais investimento, e mecanismos fiscais que agilizem a aquisição dos meios apropriados, bem como que faça cumprir as normas nacionais e internacionais em vigor. O desassoreamento de barras e portos são outras das reivindicações desta estrutura sindical.

Mais investimento público é também necessário em melhoramentos e obras nas infraestruturas portuárias, para a melhoria das condições de trabalho e de segurança nos portos de Pesca.

O alargamento do Fundo de Compensação Salarial, a viveirista e mariscadores, estes independentemente de terem ou não cartão de mariscador.

São 23 elementos deste novo mandato dos órgãos sociais, com três elementos na Mesa da Assembleia Geral (MAG), quinze na Direção, e cinco no Conselho Fiscalizador, incluindo 2 mulheres nestes dois últimos órgãos.

Na MAG: José Raimundo Pedro (Olhão), Celso Batista (Arrifana/Aljezur), Fernando Salvador de Sousa (Olhão). Na Direção: Ana Espada (Carrasqueira), Arsénio Caetano (Sesimbra), Carlos Henrique Correia (Olhão), Carlos Manuel (Sines), Daniel Carlos Ferreira (Setúbal), Eduardo Pinheiro (Barreiro), Fernando Jorge de Sousa (Barreiro), João Carlos Jesus (Olhão), João de Deus Estrela (Olhão) João Narciso Ribeiro (Sesimbra), José Salvador de Sousa (Olhão), Josué Tavares Marques (Olhão), Júlio Freire Lourenço (Albufeira), Luís Pedro dos Santos (Portimão), Manuel Luís da Encarnação (Olhão). No Conselho fiscalizador: Aparício Morais Rocha (Olhão), Jesuíno Conceição Baptista (Olhão), Humberto Augusto Nascimento (Lavradio/Barreiro), Joaquim Luís dos Santos (Portimão), Maria Madalena Pereira (Olhão).

O Sindicato do Sul, como os seus congéneres das regiões Centro e Norte, e das Ilhas, integra a Federação dos Sindicatos do Setor da Pesca, que por sua vez está integrada na Confederação Geral dos Trabalhadores, CGTP-IN - Intersindical.

A Mútua saúda, através do Sindicato, todos os trabalhadores do setor, desejando que todos possam contribuir para uma Pesca sustentável, em prol de quem nela trabalha, das comunidades e do País.

Assembleia Geral CCRUP

Assembleia Geral do Conselho Consultivo para as Regiões Ultraperiféricas (CCRUP) da União Europeia (UE), reunida no parlamento regional da Ilha da Reunião, em setembro de 2023. Organismo que Mútua integra, tendo estado presente o Presidente, João Paulo Delgado. Para além dos seus membros efetivos, observadores e convidados, participaram vários responsáveis políticos do setor das pescas, dos Estados-membros como da Comissão Europeia e do Parlamento Europeu. De Portugal esteve presente a Secretária de Estado das Pescas, Teresa Coelho. Destaca-se a intervenção da Presidente do Governo Regional da Reunião demonstrando toda a sua indignação pela forma como a PCP tem sido aplicada nas regiões ultraperiféricas da UE.

Confraria Gastronómica da Sardinha de Portimão

"Para honrar os antepassados e deixar um legado aos vindouros"

Na Confraria Gastronómica da Sardinha de Portimão tudo é feito em nome da… Sardinha e para homenagear os seus pescadores e as comunidades. Sardinha enquanto símbolo de cultura e de história, de memória e de identidade. Dos objetivos traçados, à indumentária escolhida, até aos órgãos sociais da Associação, que assumem também as funções dos tripulantes a bordo das traineiras (de hoje e de ontem), cada detalhe leva o nome desta espécie, como uma espécie de selo de qualidade, e através dela valoriza-se também o que de melhor se faz na região. Aqui apresentamos esta curiosa Associação, pela mão do seu Presidente da Direção, e "mestre de pesca", Júlio Ferreira, a propósito da entronização dos novos membros (não fundadores) onde se incluem rostos bem conhecidos da nossa Mútua!

Conta-nos Júlio Ferreira que a Confraria "nasceu às 11h37 do dia 13 de janeiro de 2021", e que, "como não podia deixar de ser, à mesa". Num repasto na típica "Taberna de Portimão" entre um grupo de 8 amigos, a que se juntaram mais tarde nesta aventura, outros tantos amigos. Pessoas muito diferentes entre si, para quem a "única política e objetivo é a defesa e promoção da nossa sardinha", esse "maravilhoso peixe" que "identifica a nossa terra, as nossas gentes, a nossa cultura no Mundo".

A Confraria é assim "uma forma de homenagear todos os pescadores, homens e mulheres que em tempos muito difíceis lutaram e trabalharam nesta indústria (conservas) que atingiu no Algarve o seu auge nos anos 30" e tem como principal objetivo "honrar os seus antepassados e deixando esse legado aos vindouros. Unir Portimão e o Algarve através da sua cultura gastronómica".

Os objetivos da Confraria, acrescenta Júlio Ferreira, são, em concreto, "contribuir para o levantamento, defesa, promoção e divulgação do património cultural, ambiental, histórico e gastronómico da sardinha, podendo abranger também a região do Algarve", "apoiar a pesquisa, divulgar, promover, organizar todo o tipo de ações em defesa do ambiente em geral e da sardinha em particular", "estabelecer relações e cooperar com outras Confrarias portuguesas ou estrangeiras" e "colaborar

com os organismos públicos e privados, locais, regionais, nacionais e internacionais de turismo, ambiente e cultura".

SÍMBOLOS MARÍTIMOS DA CONFRARIA CONCILIANDO TRADIÇÃO COM CONTEMPORANEIDADE

Traje da Confraria

Júlio Ferreira faz-nos ver que nenhum aspeto foi deixado ao acaso, e em todos os materiais há uma marca da sardinha, da sua história, e da região. A sardinha estilizada do Logotipo tem um "traço simples facilmente identificável", "pensada e concebida" pelo artista plástico João Sena.

O design do Traje, pela estilista portimonense Sandra Gonçalves, marca "uma herança histórica e uma tradição fortemente enraizadas na cultura da cidade de Portimão, outrora um dos mais importantes polos industriais da conserva e da pesca da sardinha".

O Boné é inspirado no modelo usado nessa zona litoral, e as cores da capa e sobrecapa, azul-marinho, forrados com tecido no tom prata, "remetem para o mar e a sardinha", e não podia faltar a própria "rede de malha de pesca" na sobrecapa.

A Capa tem uma gola de padre onde foram colocados, em ambas as extremidades, um botão em madeira (contraplacado marítimo), com o formato de um flutuador de pesca. As duas extremidades unem-se através de um cabo que forma um nó de marinheiro".

A Faixa tem também o logotipo, na tonalidade prata, igual ao forro das capas, aplicada na frente inferior esquerda da gola.

Aos Confrades Fundadores corresponde o cabo com nó de marinheiro vermelho e aos restantes Confrades corresponde o cabo com nó de marinheiro verde. O vermelho e o verde representam o bombordo e o estibordo respetivamente, para quem navega.

O Escapulário * já está escolhido, sendo que o círculo simboliza a própria arte de pescar a sardinha: "a rede é colocada em círculo, fechada pelo uso de uma retenida na parte inferior da rede, e esta permite fechar a rede como uma bolsa de forma a reter a captura. As sardinhas ficam no meio (como o logotipo da Confraria no meio da circunferência) e são transvasadas para as dornas colocadas estrategicamente a bordo da traineira com xalavares/camaroeiros. Esta dança de precisão e de gestos mil vezes repetidos por gerações de pescadores foi a inspiração. A segurar uma fita prateada, cor da sardinha e do forro do traje."

E para completar todo o universo simbólico da Confraria, temos o hino na fase final de produção pelo algarvio Rafael Correia (Sickonce), que tem como base a música "Sardinha assada" do acordeonista portimonense João César. A Confraria tem também um site - www.confrariadasardinha.pt - da autoria do formador de marketing e empreendedorismo Pedro André Esteves, onde podemos acompanhar a atividade da Associação.

Em 2024 a Cidade de Portimão faz 100 anos e também a Confraria terá um lugar cativo para assinalar esta efeméride! Aguardamos com entusiamo novidades e fazemos votos de muitos sucessos para esta jovem Associação!

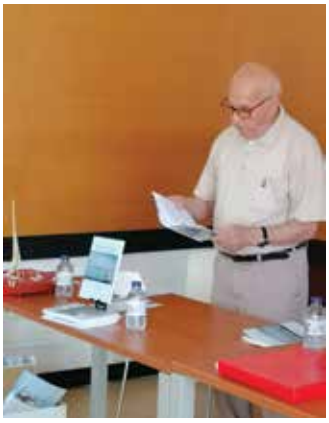
Nota da Redação: O escapulário é um pedaço de pano que envolve integralmente os ombros de quem o veste, que funciona como um amuleto de proteção.

Homenagem a António Alves Cabrita, um Herói sem nome

Autor do "Diário de um pescador da pesca do bacalhau"
Falecido em setembro de 2023

Estávamos a fazer história naquele dezoito de julho de 2021, enfrentando ainda a pandemia que nos afastou da vida partilhada, quando presenciámos a comoção de António Alves Cabrita a apresentar o seu livro "Diário de um pescador da pesca do bacalhau", em Corroios. Livro que foi a concretização de um sonho, possível graças à disponibilidade dos vários intervenientes, que souberam fazer acontecer alguns acasos…

Ali, naquele pequeno auditório, para alguns familiares e amigos, António Cabrita leu passagens da obra e acrescentou-lhe outras tantas estórias, o espaço era pequeno para tanto que tinha guardado dentro de si. E nele sempre a emoção, como se ainda lá estivesse.



Com ele assistimos à bênção dos bacalhoeiros e à partida, sentimos a estranheza dos primeiros dias, e a habituação aos ritmos, odores, sensações. Com ele preparamos as artes, ouvimos o apito da alvorada e dos momentos das refeições, sentimos o frio e passamos pela névoa, sentimos medo e ventura, superamo-nos a nós próprios, e sobrevivemos àquela dureza. Sobre a qual haverá sempre tanto por dizer.

"Estes testemunhos que nos chegam, preciosos, em jeito de generosa partilha é a melhor forma de preservar a memória de um tempo que se quer irrepetível, homenageando todos os que por ele passaram e a ele sobreviveram para que o pudessem contar. (…)

Ao pescador bacalhoeiro e autor desta obra, o senhor António Alves Cabrita, o nosso mais sincero agradecimento pela obra, pela experiência vivida e pela partilha." (Prefácio da obra pela Mútua)

São pessoas assim, que nos ensinam valores mais altos e nos estimulam a continuar… E que honra termos cruzado o seu caminho, contribuindo para a concretização de um dos seus sonhos. Entre tanta desumanização como a que hoje vivemos estas histórias de coragem são inspiradoras.

À família de António Alves Cabrita, na pessoa do seu filho Luís Cabrita, e amigos, o Conselho de Administração da Mútua dos Pescadores, manifesta as mais sinceras condolências pela sua perda.

AD MARE SOLUTIONS

Na vanguarda da sustentabilidade ambiental

Tendo em conta as constantes mudanças climáticas e ambientais a que cada vez mais o mundo assiste, a perceção da importância desta problemática tem vindo a ganhar cada vez mais relevo.

Quem o garante é António Neto, CEO e fundador da Ad Mare Solutions, uma marca que tem como missão combater a poluição no mar e em ambientes terrestres.

Ad Mare Solutions é uma empresa que oferece soluções ambientais integradas, com foco particular na prevenção e combate à poluição no mar e ambientes terrestres.

A Ad Mare Solutions tem o seu foco principal na comercialização, formação e manutenção de equipamentos de combate a derrames de hidrocarbonetos. Somos os representantes em Portugal da marca Dinamarquesa DESMI para equipamentos de Oil Spill.

A nossa diferenciação é precisamente garantirmos as três vertentes. Numa área em que as empresas que estão no mercado somente fazem a comercialização de equipamentos, nós vendemos os equipamentos, formamos e fazemos manutenção a equipamentos de combate a derrames, multimarca e a pedido do cliente.

A nossa empresa pretende diferenciar-se acima de tudo pela oferta de serviços, não visando apenas a vendas destes equipamentos.

A Ad Mare Solutions, é neste momento em Portugal uma referência de mercado na área ambiental, tendo alguns equipamentos de vanguarda que podem fazer a diferença, nomeadamente representamos a RESQUNIT que possui o sinalizador de armadilhas para combater a pesca fantasma, este equipamento fabricado em Portugal e desenvolvido por técnicos portugueses na Noruega tem estado a ser um sucesso.

Na área ambiental, representamos o maior fabricante de Marinas (está a montar as pistas de remo para os Jogos Olímpicos de Paris 2024), que possui o Bebot, o robot de limpeza de praia amigo do ambiente.

Um equipamento inovador, que contribui para o bem estar ambiental de quem frequenta as praias de Vilamoura.

Com vários acessórios, o Bebot peneira a areia, remove algas da linha de água graças á sua grade, eleva e reboca cargas, podendo auxiliar nos trabalhos de força na concessão, como rebocar pequenas embarcações da linha de água para a areia. Com a sua exposição mediática pode ser um meio publicitário para a sua empresa amiga do ambiente.

Destacamo-nos também por termos em parceria com a DESMI equipamentos dedicados á proteção das nossas praias, que cada vez mais contam com a presença das algas.

Possuímos a Mesh Boom, uma barreira desenvolvida pela DESMI e já em utilização nas Caraibas, assim como o Seaturtle, um equipamento de recolha de algas.

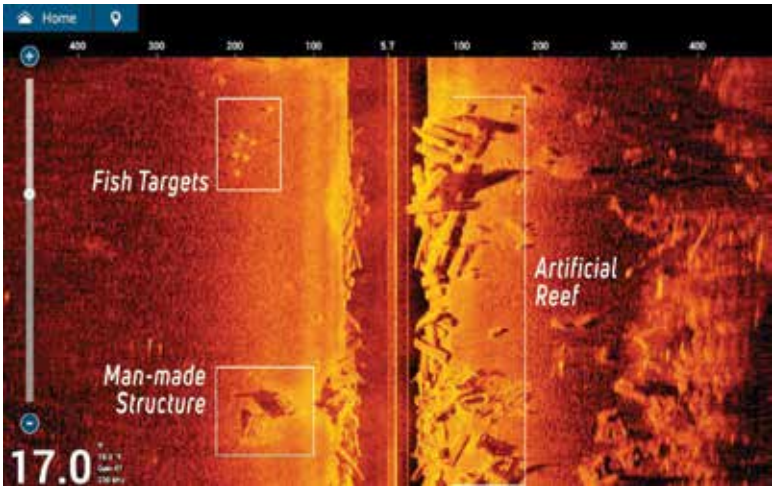
Novos Modelos de Radar Furuno FR-10 & FR-12

Os novos FR-10 & FR-12, compatíveis com todos as antenas da serie DRS, podendo formar radares de 10,4" ou 12,1" com antenas de 2kW a 25kW, tanto em estado sólido como com magnetrão. Ou seja só com 2 monitores constrói-se uma enorme gama de radares para todas as necessidades. Radar com display vertical dedicado, que pode ser livremente combinado com a grande variedade de antenas da série DRS. Ou seja, compõem-se oradar com o ecrã e potência desejados, juntando a antena correspondente à potência.
Estes radares apresentam as mais recentes tecnologias, como Risk VisualizerTM, Echo Average, Target AnalyzerTM, Fast Target TrackingTM e RezBoost.
Alimentação: 12 e 24VDC.
Antenas compatíveis: DRS2D-NXT / DRS4D-NXT / DRS6A--NXT / DRS12A-NXT / DRS25A-NXT e DRS4DL+ / DRS4D / DRS6A X-Class / DRS12A X-Class / DRS25A X-Class.
Modos de Apresentação: Course Up, Head Up, North Up, True Motion, Popa Up.
Características: Visualizador™ de Risco, Analisador de eco, tracejamento verdadeiro, Média de™ Eco, Sub Display Unidade, AIS Display, Sobreposição de radar.

CHIRP Side-Scan da Furuno para NavNet TZtouch3

CHIRP Side-Scan da Furuno para NavNet TZtouch3 tem um feixe de varrimento de bombordo a estibordo, permitindo ao utilizador visualizar a forma da estrutura do fundo em alta definição. Operando numa transmissão de frequência mais baixa que a dos concorrentes, o CHIRP Side-Scan da Furuno revela a forma dos alvos e a estrutura de armazenamento de peixes até 200 metros de cada lado da embarcação. Os já atuais proprietários utilizadores dos NavNet TZtouch3 ficarão entusiasmados em saber que existe uma atualização de software gratuita para a versão 3.01 que desbloqueia todas as novas funcionalidades para a serie MFD principal, incluindo a tão esperada capacidade de varrimento lateral.

Para mais informações visite www.furuno.es



Fotografia cedida pela CM Vila do Conde

Parabéns Mútua!

A Mútua foi distinguida pelo Município de Vila do Conde, com a medalha de Mérito Municipal, "pela relevância demonstrada nos seus percursos e pelo seu inestimável contributo para a elevação do nome de Vila do Conde".

No dia 24 de junho de 2023, Dia de São João, decorreu a cerimónia de entrega destas Medalhas, presidida por Vítor Costa, Presidente da Câmara de Vila do Conde, e João Delgado, Presidente do Conselho de Administração da Mútua, recebeu em nome da Mútua esta importante distinção, partilhando-a com todos os que contribuíram para a sua história até aos dias de hoje.

Uma distinção que reflete o trabalho de proximidade, com sentido de serviço às comunidades, que a Mútua tem desenvolvido, e que em Vila do Conde, localidade que acolheu a terceira dependência da Mútua, nos anos 80, foi naturalmente acolhido de um modo muito emotivo.

A Marés revisita assim a dependência do Norte, e as pessoas que a habitaram ao longo dos tempos, homenageando através deles todos os outros!

A inauguração da dependência de Vila do Conde foi a primeira a ser noticiada, com honras de chamada de capa no 1º boletim informativo da Mútua (em 1986) pelo colega José Bouça Nova, responsável Mútua da Zona Norte, até 2011, quando saiu prematuramente por motivos de saúde, tendo sido substituído até 2020 por Edgar Sousa, um quadro histórico da Mútua da Zona Sul.

A Mútua estava então sita nas Caxinas, Rua do Alecrim, e foi inaugurada em 1985, pelos queridos colegas Rosalina Fernandes e José Bouça Nova, uma inauguração com pompa e circunstância, com direito a vários entretenimentos como torneio de futebol, foguetes, espetáculo para crianças, e bênção do pároco de então das Caxinas, o Senhor Padre Domingos.

Vila do Conde foi assim, uma das primeiras localidades onde a Mútua abriu uma dependência, longe da sede em Lisboa, pela dimensão e importância da pesca na região, que era à data a única atividade a que a Mútua se dedicava. Aos colegas iniciais juntou-se desde logo a colega Maria Saúde Amaral, que continua no ativo, e que trouxe na bagagem a experiência de trabalho no sindicato dos pescadores, e Aníbal Guerra que viria a assumir mais tarde a responsabilidade pela dependência de Aveiro.

Hoje, tal como noutros lugares, a Mútua cresceu para outras atividades, e a única Dependência do Norte, em 1985, desdobrou-se em mais 3!

Com a mediadora Ponto Seguro, o Grupo passou a estar também em Viana do Castelo, Matosinhos, e Gafanha da Nazaré (Aveiro).

E hoje a Mútua no Norte é, sobretudo, o rosto dos colegas que asseguram o trabalho de todos os dias, em cada uma destas dependências, com a coordenação de Sandra Costa. Em Vila do Conde, estão as colegas Saúde Amaral e Helena Fonte; André Duarte, em Viana do Castelo, Ana Dias em Aveiro, e em Matosinhos António Carneiro (não esquecemos Lurdes Ying, que aí esteve durante muitos anos, e que hoje está em Peni-

che). A seu lado o corpo clínico, Dr. Bessa da Silva e Dr. Fernando Rodrigues, a fisioterapeuta Alzira Castro, e a empregada de limpeza de sempre, Emília Vinagreiro.
Sem esquecer naturalmente a rede extensa de colaboradores impossível de nomear neste artigo, e que aqui queremos recordar representados por João Martins Vaz, das Angeiras, o mais antigo, ainda tão próximo da Mútua.
E o quadro não poderia ficar completo sem uma referência aos dirigentes eleitos, os olhos (e também o coração) da Mútua nas regiões, que conhecem as pessoas e as atividades, representados neste artigo, pelo Administrador efetivo de hoje, Jerónimo Viana, bem como pelo Administrador suplente, sempre presente, Manuel Coentrão, e pelo dirigente de tantos anos, Albino Cadilhe.
Todos e cada um na sua área contribuindo com o seu trabalho e dedicação, para que a Mútua consiga prestar um serviço de proximidade à sua grande comunidade do Norte, e para a sua missão mais global, de proteger e servir todos os seus utentes e comunidades.
A medalha atribuída pela Câmara Municipal é assim um voto de confiança no caminho trilhado. Na qualidade de único segurador português sob a forma de cooperativa, a Mútua tem de facto assumido esta responsabilidade, em todos os setores onde intervém, mostrando que os princípios mutualistas e cooperativos aplicados ao setor segurador são sustentáveis e respondem eficazmente às necessidades dos consumidores.

NORTE/VILA DO CONDE

Dependência da Mútua arranca em pleno

A recente inauguração e o funcionamento em pleno da Dependência do Norte da Mútua dos Pescadores, instalada em Vila do Conde, permitem-nos reflectir sobre uma mão cheia de questões relevantes.

Primeiro, temos presente que se trata de corresponder, por parte da Mútua, a uma velha reivindicação dos Associados da região: uma dependência da Mútua para a zona da Póvoa de Varzim—Vila do Conde, capaz de acudir a todo o norte. Solução muitas vezes adiada, promessa finalmente de gosto cumprida.

Segundo, é de notar que a presença mais directa da Mútua na região, através desta nova Dependência, não visa substituir o trabalho tantas vezes esforçado dos seus Correspondentes tradicionais (Associação de Armadores, Sindicatos de Pescadores, outras pessoas individuais ligadas ao sector da pesca). Antes procura dar-lhe maior apoio, ajudá-los naquilo que nos compete a melhor assegurar, a melhor assistir, a melhor servir os homens e as mulheres que trabalham na indústria da pesca na região e que confiam na sua seguradora mútua.

Terceiro, verificamos que, dia a dia, a Dependência vai afirmando a sua presença, nomeadamente pela funcionalidade, pela qualidade e pelo humanismo dos cuidados médicos, de fisioterapia e de enfermagem, pelos serviços técnicos que assegura aos sinistrados e associados da região.

Quarto, somos levados a registar com satisfação o facto de a inauguração da Dependência ter sido ocasião para pôr milhares de crianças filhas de pescadores a ver teatro infantil e a desenhar e contar histórias sobre a vida e o trabalho na pesca. Ter sido ocasião para levar dezenas de órgãos de comunicação social a parar de novo um pouco e reflectir sobre a vida dura, os perigos, a segurança e o seguro necessários e às vezes esquecidos dos pescadores. Ter sido ocasião para um relacionamento cordial com diversas entidades da região, de algum modo ligadas à pesca e aos seguros. E ter sobretudo sido igualmente ocasião para momentos são de convívio e amizade entre Associados da Mútua, desde as largas dezenas que correrem fogosamente atrás de uma bola entre quatro linhas de um rectângulo de salão, às centenas que confraternizaram em torno de umas boas papas de serrabulho e de algumas notas de fado, naquele dia da inauguração, nas Caxinas.

Quinto, uma última questão. Numa empresa que em breve inaugurará novas instalações em Peniche, que aguarda o momento de abrir uma Dependência em Ponta Delgada, que não para de pensar e fazer por estar mais perto, por segurar mais e melhor, por servir sempre os seus Associados — os Armadores, os Mestres e os Pescadores do nosso país —, reflectir sobre a nova Dependência do Norte e a sua recente inauguração pode ser algo mais que cultivar o que passou.

Pode ser antes projectar com simbolismo no futuro uma dinâmica de progresso.

Cerimónia inaugural das instalações

ALERTA FISCAL

O IVA e a Pesca
• algumas isenções

De acordo com as alíneas d), e) e f) do artigo 14º do Código do IVA, estão isentas deste imposto as seguintes operações:

— Trabalhos de reparação e manuten-

Balcão de Vila do Conde como novo, à sua espera!

Av. Infante D. Henrique,1340 • 4480-670 Vila do Conde
252 623 265 • viladoconde@mutuapescadores.pt

Jornadas do Grupo Mútua

O Grupo Mútua esteve reunido em Sines nos dias 13 e 14 de outubro para balanço de atividades e perspetivar o futuro. Foi o regresso das tradicionais Jornadas, interrompidas no seu formato presencial mais alargado durante os anos da pandemia, juntando cerca de 70 trabalhadores e dirigentes, incluindo os membros do Conselho de Administração.

No primeiro dia de trabalhos, colegas responsáveis pelas várias áreas e zonas do país apresentaram temas para reflexão, as principais forças e desafios do seu trabalho diário, e no segundo dia, teve lugar a sessão de encerramento, num plenário mais alargado, contando-se com a presença do Vice-Presidente da CM Sines, Fernando Ramos e Vereadora Filipa Faria, da Associação de Armadores de Pesca Artesanal e do Cerco (AAPSACV), da Associação de Desenvolvimento do Litoral Alentejano, Docapesca, entre outros parceiros e colaboradores da Mútua. Nesta sessão a Diretora geral da Mútua, Ana Teresa Vicente, e o Presidente do Conselho de Administração da Ponto Seguro, Vasco Pinheiro, apresentaram dados das duas empresas e as principais questões afloradas no dia anterior, demonstrando otimismo e confiança no trabalho desenvolvido pelas equipas para continuar a levar as duas empresas a bom porto. João Delgado, o Presidente da Mútua, encerrou as Jornadas, encorajando todos a continuar a acreditar na essência da cooperativa, dos seus princípios e valores, da sua história, para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

De destacar ainda nesta segunda sessão o contributo muito original do Comandante São Marcos, que brindou os presentes com uma palestra sobre "Eventos e sinistros", tomando como ponto de partida o sinistro marítimo, tópico fundamental, que está na origem do próprio conceito de mutualismo! e da atividade seguradora. Um tema tão familiar, mas ao mesmo tempo tão complexo, que foi apresentado com muito humor e sabedoria, desconstruindo termos legais, paradigmas, e aproximando-nos mais destas matérias. O Comandante São Marcos colabora com a Mútua há muitos anos, e inicia também nesta edição da Marés, um conjunto de crónicas sobre estes temas "Coisas Singelas dos Navios e do Mar".

GRUPO MÚTUA EM FOCO

Oportunidades de crescimento

Num contexto cada vez mais exigente sob o ponto de vista da regulação do mercado segurador, em todas as áreas de atuação da cooperativa - obrigações na área financeira, na distribuição de seguros e relação com os seus utentes, na governação, segurança informática ou na área da formação - ficaram bem patentes as oportunidades de crescimento em todos os ramos de seguros, incluindo no contexto das atividades marítimas e na pesca também, onde a Mútua é a seguradora de referência.

A proximidade com a pesca e as suas comunidades continua a exigir um trabalho continuo de sensibilização para a importância do seguro marítimo (embora não seja obrigatório) e de uma correta informação sobre o valor dos bens, e nos seguros de Acidentes de Trabalho, dos salários a segurar, para uma adequada indemnização no caso de acidentes. O potencial da náutica de recreio por explorar ainda em tantos contextos, nas atividades marítimo-turísticas, indiscutivelmente em ascensão, fruto do desenvolvimento da economia do turismo por todo o país, com particular expressão no algarve e litoral, mas também nas barragens

e no interior, e por fim o potencial que existe "dentro de portas", no universo de tomadores de seguro do Grupo que não confiaram ainda na Mútua outros seguros, como Acidentes Pessoais, ou Multirriscos. Junto de micro, pequenas e médias empresas; junto de associações e outras estruturas da economia social; junto de instituições públicas ligadas à pesca e ao mar, há ainda muito terreno por desbravar, há ainda muitos que não conhecem a Mútua para além da pesca e do mar, ou que não conhecem a Mútua de todo e para quem a Mútua poderá ter uma resposta a dar, seja com os produtos que tem, seja na adequação do que tem, a novas exigências e/ou necessidades que surjam.
Na parceira de mediação, Ponto Seguro, é notável o crescimento ao longo dos anos na carteira de seguros da Mútua, e uma distribuição do peso dos ramos diferente, com o interesse pelo ramo de Acidentes de Trabalhos, Multirriscos e Acidentes Pessoais a ganhar terreno a ramos como o Automóvel, fazendo valer cada vez mais a especialidade da mediadora na área da contratação pública, onde está a crescer, bem como no setor das empresas e outras entidades. Uma parceira indissociável do trabalho de todos os dias, fazendo a Mútua chegar mais longe.

Exigências do mercado segurador

As circunstâncias regulatórias têm obrigado a Mútua a implementar as regras Solvência II, IFRS-9/17, e adaptar toda a sua estrutura financeira e técnica a estas regras, que impactam toda a atividade, complexificando a forma de avaliar os sinistros e a produção de seguros, cruzando dados quantitativos com dados qualitativos, relacionados com a avaliação de riscos e aspetos ligados à conduta de mercado e sistema de governação.
O impacto do Regime Jurídico da Distribuição de Seguros e Resseguros (Lei 7/2019), e as exigências cada vez maiores em matéria de relacionamento com os utentes, de transparência e rigor, afetam todas as áreas de trabalho, impondo obrigações formais de reporte, de registo de evidências, políticas e normas, que importa incutir também nas práticas de trabalho diárias. Tal como noutras épocas e contextos, a Mútua soube incorporar na sua própria medida e escala, alterações e exigências externas, aproveitando para corrigir procedimentos e práticas. Também a adequação da estrutura organizacional e operacional com a designação de membros e quadros ao nível decisório, ao nível de gestão corrente e ao nível técnico, para poder responder às crescentes exigências da Conduta de Mercado e legítima preocupação com o cliente/consumidor, exige uma formação continua de quadros, que se traduz não apenas numa formação técnica adequada, formal, para o exercício de determinadas funções, como também a participação nas iniciativas e fóruns relacionados com as atividades marítimas, ou até a participação em momentos importantes da vida associativa, quando se passam valores e princípios, transversais a todos, e importantes para alinhar práticas de trabalho em todas as áreas.
Também de referir a importância das tecnologias de informação e comunicação na organização com o investimento necessário, por um lado, para garantir a robustez e segurança da organização e dos seus dados, e por outro, a automatização e uniformização de procedimentos, sem se perder a noção da importância do "fato à medida" que é a marca da Cooperativa.

Resposta Cooperativa

A História da Mútua é o caldo cultural onde assentará a ação de todos, uma prática enraizada de mais de oitenta anos enquanto seguradora mutualista, transformada em cooperativa, com a grande mais valia de ter um conhecimento profundo do principal setor de atividade com que trabalha e dos seus territórios, do domínio técnico dos produtos e das soluções que disponibiliza, do reconhecimento publico como seguradora especialista e de referência no cluster do Mar, bem como a sua presença nas comunidades ribeirinhas, assumindo também compromisso com as suas organizações e atividades. A cultura de proximidade e o espírito de partilha, ajudarão por fim a enfrentar o presente e os desafios futuros.

Escola de Seguros

Incêndio e Multirriscos

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Quando falamos do seguro de Incêndio, referimo-nos aos danos provocados por Incêndio, Queda de Raio ou Explosão, Fumo, Vapor ou Calor; bem como os danos causados nos bens seguros em consequência dos meios empregados para combater o incêndio; e ainda as remoções ou destruições executadas por ordem da autoridade pública competente ou praticadas com o fim de salvamento, se o forem em razão do incêndio ou de qualquer dos factos anteriormente previstos; para além de outros riscos decorrentes de fenómenos naturais que são passíveis de subscrever.
Assinale-se que o Código Civil impõe a obrigatoriedade da cobertura de Incêndio para as propriedades horizontais.
Embora em situações muito específicas e raras ainda possa ser necessário o recurso a apólices deste ramo, atualmente a preferência dos consumidores e a oferta dos seguradores são mais dirigidas para os Multirriscos, que garantindo igualmente o seguro obrigatório de Incêndio e os restantes riscos deste seguro, disponibilizam toda uma série de riscos adicionais, tais como Responsabilidade Civil e Assistência, em condições muito competitivas.
Normalmente estes seguros de Multirriscos (para habitações, condomínios ou empresas/instituições) têm duas componentes: cobertura base e coberturas complementares.
Se bem que cada segurador defina o desenho dos seus produtos, alguns riscos da cobertura base são transversais, tais como: Incêndio, Tempestades, Inundações e Responsabilidade Civil.
E as coberturas complementares - sujeitas a sobreprémio – respondem a necessidades acrescidas de determinados clientes (ex: Encargos Permanentes e Fenómenos Sísmicos).
As condições gerais das apólices referem como capital a segurar, o valor de substituição em novo para o conteúdo normal e o valor comercial para os objetos valiosos, isto no Multirriscos Habitação; sendo o valor venal para os equipamentos e o de custo no caso das mercadorias, nos restantes Multirriscos; finalmente para os edifícios, deve-se considerar o valor de reconstrução.
Acrescente-se que em qualquer dos seguros de Incêndio e Multirriscos é possível e desejável contratar uma cláusula de atualização automática dos capitais seguros.

OS NOVOS PRODUTOS MÚTUA

Nos últimos três anos, a Mútua, que já dispunha de bons produtos a preços competitivos também nos seguros de Incêndio e Multirriscos, decidiu tornar ainda mais aliciante a sua oferta nesta área, através de alterações substanciais, como iremos sucintamente descrever:

Melhoramentos comuns aos Multirriscos Habitação, Condomínio **e** PME:

- Criação de dois planos:
Plano Base - para garantir os riscos fundamentais.
Plano Superior - para maiores níveis de exigência.

- As antigas apólices, nos respetivos aniversários, têm vindo a ser automaticamente transferidas para o Plano Superior, sem qualquer agravamento no prémio.

- Aplica-se um desconto de 10% para os novos seguros, subscritos pelos atuais cooperadores (ou que ainda não o sendo, adiram simultaneamente à qualidade de cooperadores, mediante a simples aquisição de títulos de

capital social, no mínimo de € 15,00, pagos de uma só vez – que imediatamente são compensados pelo referido desconto – e passando a beneficiar também de todas as restantes regalias dos cooperadores).

- Nos planos superiores, verifica-se um significativo acréscimo de garantias, nomeadamente:

- Multirriscos Habitação **– Riscos Elétricos, Reconstituição de Jardins e Logradouros; Animais Domésticos; Reconstituição de Documentos.**
- Multirriscos Condomínio **– Danos por Água; Danos Estéticos.**
- Multirriscos PME **– Danos por Água; Greves, Tumultos e Alterações da Ordem Pública; Atos de Vandalismo, Maliciosos ou de Sabotagem.**

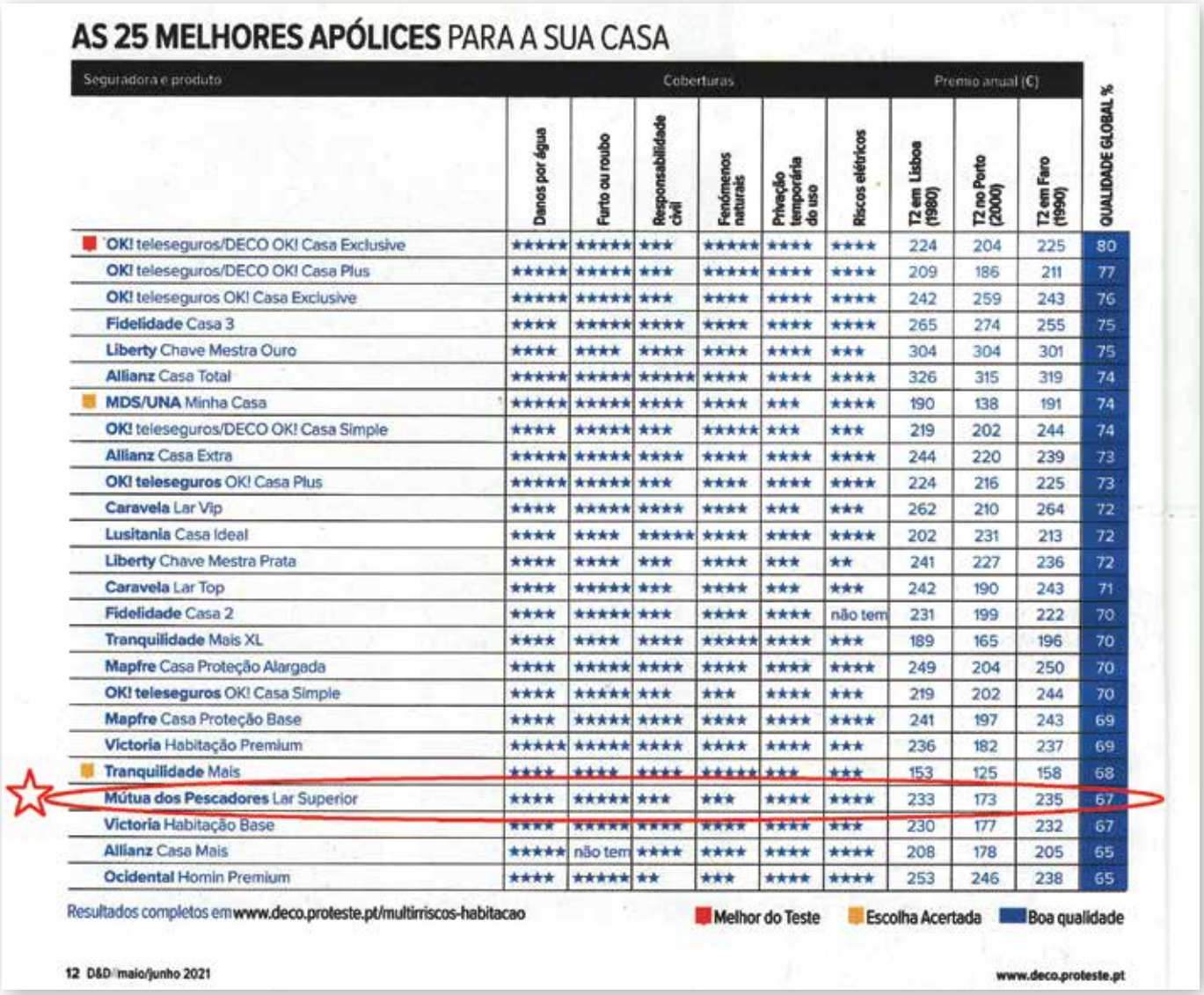
- Em todos os planos, importantes melhoramentos em diversas garantias, nos aspetos qualitativos e/ou nos limites de indemnização, designadamente em: Danos por Água; Furto ou Roubo; Demolição e Remoção de Escombros; Danos Estéticos; Bens Refrigerados; Privação Temporária do Uso do Local Arrendado ou Ocupado; Perda de Rendas; Quebra de Vidros, Espelhos Fixos, Pedras Mármores e Louças Sanitárias; Quebra Acidental de Móveis Fixos; e Riscos Elétricos.
- Introdução de um esquema de bonificação e agravamento, que premiando os segurados com resultados equilibrados, não afasta os segurados temporariamente mais desafortunados.

MEIOS DE CONSULTA

No site da Mútua em Seguros/Soluções para outras atividades…/ Incêndio e Multirriscos… ou em Seguros/Condições contratuais de todos os produtos/Listagem global/Incêndio e Multirriscos, poderão ser consultadas as Fichas Multiproduto, as Condições Gerais e as Condições Especiais-Assistência, de Incêndio, Multirriscos Habitação, Multirriscos Condomínio e Multirriscos PME, para se conhecer mais em detalhe estes novos produtos.
Na página inicial do site pode solicitar - sem qualquer compromisso - um Pedido de Cotação. Sem prejuízo, claro, do recurso aos balcões e restante rede de distribuição da Mútua dos Pescadores.

Contacte-nos!

Fonte: Noções Gerais de Seguros – Manual de Formação da Mútua dos Pescadores



AS 25 MELHORES APÓLICES PARA A SUA CASA

Seguradora e produto	Coberturas						Prémio anual (€)			QUALIDADE GLOBAL %
	Danos por água	Furto ou roubo	Responsabilidade civil	Fenómenos naturais	Privação temporária do uso	Riscos elétricos	T2 em Lisboa (1980)	T2 no Porto (2000)	T2 em Faro (1990)	
OK! teleseguros/DECO OK! Casa Exclusive	★★★★★	★★★★★	★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	224	204	225	80
OK! teleseguros/DECO OK! Casa Plus	★★★★★	★★★★★	★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	209	186	211	77
OK! teleseguros OK! Casa Exclusive	★★★★★	★★★★★	★★★	★★★★	★★★★	★★★★	242	259	243	76
Fidelidade Casa 3	★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	265	274	255	75
Liberty Chave Mestra Ouro	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★	304	304	301	75
Allianz Casa Total	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	326	315	319	74
MDS/UNA Minha Casa	★★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★	★★★★	190	138	191	74
OK! teleseguros/DECO OK! Casa Simple	★★★★	★★★★★	★★★	★★★★★	★★★	★★★	219	202	244	74
Allianz Casa Extra	★★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	244	220	239	73
OK! teleseguros OK! Casa Plus	★★★★★	★★★★★	★★★	★★★★	★★★★	★★★★	224	216	225	73
Caravela Lar Vip	★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★	★★★	262	210	264	72
Lusitania Casa Ideal	★★★★	★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	202	231	213	72
Liberty Chave Mestra Prata	★★★★	★★★★	★★★	★★★★	★★★	★★	241	227	236	72
Caravela Lar Top	★★★★	★★★★★	★★★	★★★★	★★★	★★★	242	190	243	71
Fidelidade Casa 2	★★★★	★★★★★	★★★	★★★★	★★★★	não tem	231	199	222	70
Tranquilidade Mais XL	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★★	★★★★	★★★	189	165	196	70
Mapfre Casa Proteção Alargada	★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	249	204	250	70
OK! teleseguros OK! Casa Simple	★★★★	★★★★★	★★★	★★★	★★★★	★★★	219	202	244	70
Mapfre Casa Proteção Base	★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	241	197	243	69
Victoria Habitação Premium	★★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★	236	182	237	69
Tranquilidade Mais	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★★	★★★	★★★	153	125	158	68
Mútua dos Pescadores Lar Superior	★★★★	★★★★★	★★★	★★★	★★★★	★★★★	233	173	235	67
Victoria Habitação Base	★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★	230	177	232	67
Allianz Casa Mais	★★★★★	não tem	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	208	178	205	65
Ocidental Homin Premium	★★★★	★★★★★	★★	★★★	★★★★	★★★★	253	246	238	65

Resultados completos em www.deco.proteste.pt/multirriscos-habitacao

Melhor do Teste Escolha Acertada Boa qualidade

12 D&D maio/junho 2021 www.deco.proteste.pt

SEGUROS

MÚTUA

Mútua Lar

Mútua dos Pescadores, desde 1942 ao lado das comunidades, garante, com profissionalismo e humanismo, a proteção do seu lar e dos seus bens.

www.mutuapescadores.pt

Não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida.

"Só conhece o valor da âncora quem passa pela tempestade"

Espaço do Provedor do Utente

Adelino Cardoso

Mediante uma proposta da minha parte, que mereceu a anuência da Mútua dos Pescadores, até ao final do meu mandato passarei a comunicar regularmente com os leitores da "Marés".
E porque as funções que me estão atribuídas requerem, no rigoroso cumprimento da respetiva legislação, uma absoluta independência, assumo a exclusiva responsabilidade pelos textos que aqui publicar.

No site da Mútua dos Pescadores:
www.mutuapescadores.pt – Informações relevantes para os utentes.

Está disponibilizada toda a informação fundamental sobre a conduta de mercado, incluindo a matéria das reclamações, onde se refere também as funções do Provedor do Utente.

E a última edição desta revista (nº. 89, inerente a fevereiro de 2023, nas páginas 10 e 11), comporta um artigo igualmente esclarecedor sobre o mesmo tema.

Então, é legítima a seguinte pergunta:
Que mais tem a acrescentar o Provedor do Utente da Mútua dos Pescadores sobre o assunto?

Este tema da proteção dos consumidores é demasiadamente vasto e importante, para se limitar apenas ao tratamento das reclamações.
Existe todo um caminho a percorrer, no domínio do esclarecimento, visando a prevenção dos conflitos.

É nessa tarefa que me proponho colaborar, numa interpretação abrangente da minha missão.

Assim, pretendo aprofundar os vários aspetos que se interligam nesta importante temática, nomeadamente:

a) Abordar a principal legislação, no domínio da conduta de mercado e do tratamento das reclamações, específicos da atividade seguradora.

b) Recordar o conjunto de normas e procedimentos, incluindo o sistema de "apoio utente" da Mútua dos Pescadores, que confluem nessa matéria.

c) Relembrar as competências e funcionamento do Provedor do Utente, de montante a jusante.

d) Referir os atributos da "cadeia do risco", a qual, envolvendo mais do que a mera contratualização de seguros, se presta a encontrar as mais adequadas e económicas soluções globais de proteção e segurança.

e) Alertar para os principais aspetos a considerar, desde o ato de consulta, subscrição, existência e eventual cessação do contrato, nos diversos ramos de seguros.

É um programa algo estruturado – mas onde cada tema será autónomo – e que não descarta evidentemente outros assuntos convergentes que, entretanto, possam surgir e até mereçam prioridade.

© Desenho de Miguel Lourenço, Sesimbra

Como se lhes há-se chamar?

Para que o Mar não se limite a ser uma imensa massa de água que sirva para ir molhar os pés e pouco mais, mas constitua um fator geopolítico estável, onde se possa objetivar a construção de modelos de poder, tem "que se ir para lá".
E, até ver, isso só é possível através de engenhos que naveguem, à superfície ou imersos.
Quando um dos do meio ouve dizer "barco", tremem-lhe os tímpanos.
E eu que sou desses, dos do meio, que nasci nele e nele continuei, fico arrepiado.
Então, como se lhes há-de chamar?
Navio, embarcação ou mesmo barco?

Em 1926, um Decreto sobre a Segurança da Navegação (revogado), começava dizendo que *Não é permitido a qualquer navio ou embarcação …* vindo a acrescentar que *A designação de embarcações é usada de preferência à de navios, por ser mais geral, ficando, portanto, assente que as embarcações abrangem também os navios seja qual for a sua tonelagem* [1].
E, basicamente, assim se tem vivido até aos nossos dias.
Porém, em 1928, um Decreto sobre as condições de segurança da navegação (em vigor, com interpretação atualista), começa a dizer que *Não é permitido a qualquer barco português,* acrescentando mais à frente que *A designação de barcos e a de embarcações são em geral preferidas à de navios. (discordância cf. original)*
Ainda em 1928, um outro diploma relativo à fiscalização das condições de segurança do material flutuante (também em vigor, com interpretação atualista), começa com *A construção de qualquer barco*.
Em 1959, porém, a legislação sobre Registo Comercial, refere-se à *matrícula de navios*.

António São Marcos

O **Comandante António São Marcos** inicia nesta edição uma colaboração na Marés com a publicação de diversas crónicas sobre temas marítimos a que chamou «Coisas Singelas dos Navios e do Mar». A sua relação com a Mútua é porém muito anterior, apoiando a Direção e a Área Técnica na análise de processos de sinistros marítimos, sempre no âmbito das ciências náuticas. É uma honra podermos agora partilhar o seu vasto conhecimento nas páginas da Marés, ajudando-nos a melhor compreender o rigor da terminologia técnica e vários aspetos associados às embarcações e aos sinistros marítimos, entre outros tópicos que abordará.

E, em 1972, o atual Regulamento Geral da Capitanias, define e classifica, as *embarcações* da Marinha Nacional (entenda-se marinha civil).

Na continuação de um passado mais recente do século XX, as variações entre navio e embarcação vão-se mantendo nos diplomas legais, com predomínio para embarcação nos de natureza técnica e de navio nos de natureza mais jurídica.

Também a Arte Naval Moderna começa assim: *O navio ou embarcação… A designação de navio aplica-se a construção de tamanho já considerável, ao passo que o termo embarcação é correntemente usado para designar construções modestas. Barco, é o nome vulgar de embarcação ou navio.*

Surge, entretanto, em 2003, o Glossário Marítimo-Comercial publicado pela Secção de Transportes da Sociedade de Geografia de Lisboa, que define Barco, como sendo *todo e qualquer meio de transporte aquático, com ou sem propulsão própria, com ou sem imersão própria* [2].

Define Embarcação, como sendo *qualquer meio de transporte que exerce a sua atividade em áreas aquáticas amenas ou protegidas das vagas, cuja construção por razões económicas, é, na maioria dos casos, ligeira e tem pequeno raio de ação*.

Alguns países definem se um barco é ou não uma embarcação, com base no seu comprimento.

Por fim, define Navio, como sendo *qualquer meio, capaz de navegar no mar, utilizado para o transporte de passageiros, carga e alguns equipamentos especiais, em condições de segurança como descritos em barco.*

Quid júris?

O melhor, pelos vistos, seria chamar "barco" (esse vocábulo *horribilis*) a tudo!

E, uma vez consagrado em diplomas legais, ainda que vetustos, mas em vigor, e numa publicação da conceituada Sociedade de Geografia, não se pode afirmar que é erro.

Porém, para os tais do meio, os que não dizem barco, como distinguir navio de embarcação? Por mera sensibilidade uma vez que são muito diversas as perceções de cada um. Contudo, toca o Glossário no ponto fulcral para pôr ordem nesta caldeirada: o comprimento, como muitos países já o fazem.

Fácil seria consagrá-lo legalmente com base no critério de aplicação das Convenções Internacionais de natureza técnica que estabelecem a fronteira nos 24 m de comprimento [3]. Assim, até aos 24 m, seriam embarcações e, a partir dos 24 m, navios.

Com os engenhos que também podem navegar em imersão, tudo é mais fácil, como se verá.

Sem pretensões de doutrinar, mas de apenas pôr alguma ordem nesta desnecessária confusão, adaptando à atualidade uma classificação, em seu tempo aprendida em aula, que entendo fazer todo o sentido, podiam dividir-se os Engenhos Flutuantes ou Construções Navais, em Engenhos de Superfície e Engenhos de Imersão.

Os de Superfície podiam dividir-se em Navios (24 m e superior), Embarcações (até 24 m, considerando neste universo as embarcações miúdas, cuja perceção é consensual) e Corpos Flutuantes (os que não têm propulsão).

Quanto aos de Imersão, dividi-los em Submersíveis (não habitáveis e curtos períodos de imersão) e Submarinos (habitáveis e longos períodos de imersão).

Ficavam assim as confusões desfeitas para os do meio e os Barcos para os terráqueos, a que uns e outros podiam ainda acrescentar barquinho ou barcoleta, pejorativa ou carinhosamente, conforme o caso.

António São Marcos é Capitão-da-Marinha-Mercante / CIC-Comandante, tem um curso de Mestrado em Teoria da Segurança e Defesa, uma Pós-Graduação em Direito Marítimo e um Curso de Estabilidade de Navios (*National Cargo Bureau / United States Coast Guard*). Como formação base é licenciado em Gestão e Tecnologias Marítimas, com Tese na área de arquitetura naval-estabilidade de navios.

Acumulou 30 anos de atividade operacional no mar em diferentes tipos de navios da marinha mercante (comércio e pesca), dos quais 22 anos de comando, tendo assumido diferentes responsabilidades ao longo do tempo: foi Assessor do Conselho Diretivo do Instituto Nacional de Pilotagem dos Portos, Inspetor-Geral de Navios (Diretor da Inspeção de Navios do Instituto Marítimo-Portuário) e professor associado no ISEG, Lusófona e ISCIA. Foi Diretor Técnico do projeto e da reconstituição do Navio de Treino de Mar / Lugre de 4 mastros "Santa Maria Manuela" e subsequentemente Comandante durante 5 anos e ainda empresário da «NAVALAREA, peritagens e consultoria naval», encerrada por reforma.

1 - "Tonelagem", oportunamente havemos de ver oque "isto não é".

2 - Acrescenta que, Embora flutuem, não são barcos: pontões amarrados ou e/ou fundeados a servir de locais de atracação, o que se encontra em contradição com a classificação que lhes é dada pela Inspeção de Navios. Exemplos disso são os pontões de atracação das embarcações de travessia do Tejo e a Monobóia de Leixões, classificados como embarcações auxiliares locais (sem propulsão).

3 - Trata-se de um "comprimento" padronizado pelo cálculo, não mensurável sobre a construção.

Novas embarcações de pesca artesanal na Ericeira

Cinco novas embarcações de pesca artesanal vêm juntar-se à frota de pesca da Ericeira. São as mais recentes construções do estaleiro Penimar em Peniche para a pesca: a "Lula", do armador Carlos Franco Alberto; o "Mestre Ló", de Marcelino Lopes Esteves Pereira; a "Pérola da Ericeira", de João Manuel Santos Dias; "Samas", de Vanessa Firmino Serra e "Toni Fernando", de Francisco Eurico Franco Alberto. A Mútua não podia deixar de celebrar estes acontecimentos e o facto dos armadores terem optado pelos seguros que melhor protegem as suas tripulações e também as suas embarcações!

Conhecendo a realidade do setor e os riscos que incorrem os seus profissionais, e com plena consciência das dificuldades, é de valorizar ainda mais esta opção!

O bota-abaixo teve lugar no dia 10 de outubro, na presença da Associação de Pescadores Profissionais da Ericeira, DGRM, Docapesca, Autoridade Marítima, e Mútua dos Pescadores.

Depois do registo nas redes sociais, cheio de entusiasmo, não podemos de deixar de registar também na nossa *Marés*, para memória futura, este importante passo na vida dos nossos associados e do portinho da Ericeira!

Aos armadores e suas tripulações a Mútua faz votos de boas pescarias, em segurança, e cá estará para o que der e vier!

REVELE OS SEGREDOS DOS PROFISSIONAIS.

A Furuno conduz as suas saídas de pesca a um nível superior.

Go on a power trip with FURUNO

TZT16F

TZ Cloud
Armazenamento de dados e Sincronizaçao do Ecosistema TIMEZERO-Furuno

TZT12F
com PBG

DFF-3D

Os TZtouch abrem as portas ao mundo submarino, com funções poderosas com o PBG (Gerador de Batimetria Pessoal), Fish-It/Drift-It e o Ecossistema TZ Cloud.

Sonda integrada TruEcho CHIRP™ 1 kW canal duplo o sonda CW	Obtenha sempre a deriva perfeita com o Fish-It/Drift-It	Crie cartas personalizadas com relevos sombreados com o PBG da sonda DFF-3D	Mantenha os seus dados seguros com o ecosistema da TZ Cloud e com o bloqueio por código	Visualize claramente ecos a mais de 200 metros por cada banda com o novo Side Scan CHIRP

FISH-IT DRIFT-IT · CHIRP SIDE-SCAN · NAVnet TZ touch 3 · PBG · MULTI BEAM

Visita www.furuno.es para saber mais

Ocean image bank, por Nicolas Job (1)

Energias renováveis no mar: sim, mas a que custo?

A transição das economias mundiais para novas fontes de energia renovável em detrimento dos combustíveis fósseis é uma necessidade incontornável e inquestionável do mundo atual. Nos países europeus, é também uma aposta política largamente apoiada por vastos setores da sociedade

ANP|WWF, Sciaena, SPEA e ZERO
Fotografias (1) e (2) gentilmente cedidas por Ana Henriques, ANP/WWF

Portugal tem a intenção de avançar com o licenciamento de energia renovável oceânica (offshore) em larga escala ao longo das próximas décadas e, neste quadro, a Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos elaborou uma proposta preliminar das áreas espacializadas para implantação de projetos de energias renováveis offshore, e irá em breve propor um Plano de Afetação que mapeará o caminho para este desenvolvimento.

As Organizações Não Governamentais de Ambiente (ONGA) ANP|WWF, Sciaena, SPEA e ZERO reconhecem a importância do desenvolvimento da energia renovável offshore para alavancar a transição energética europeia, garantindo a descarbonização da economia e contribuindo para os objetivos climáticos e de independência energética da União Europeia (UE). No entanto, é fundamental que este desenvolvimento se proceda a par com o devido respeito pela conservação da natureza, de forma a cumprir os compromissos assumidos para travar a perda de biodiversidade e de acordo com as capacida-

des ecológicas dos ecossistemas. Nesse sentido, é lamentável que as ONGA não tenham sido envolvidas no processo, desde o início, nem auscultadas no âmbito da Avaliação Ambiental Estratégica realizada, de forma a poder melhor informar a decisão.

E PORQUE ESTAMOS PREOCUPADOS?

Porque entendemos as crises climática, energética e da biodiversidade como intrinsecamente ligadas, não podendo ser consideradas de forma isolada. O Oceano é o maior agente regulador dos efeitos das emissões de gases com efeito de estufa, absorvendo cerca de 90% do calor adicional da atmosfera associado ao aquecimento global. Há, portanto, uma ligação estreita e indivisível entre o clima e o oceano que não pode nem deve ser descurada, sobretudo porque um oceano saudável é o nosso maior aliado no combate às alterações climáticas. Neste quadro, combater a crise climática enfraquecendo a saúde ecológica do Oceano seria contraproducente: um autêntico "tiro no pé".

Não nos podemos esquecer que o desenvolvimento desta energia se junta às já numerosas atividades económicas existentes no mar, que devem ser considerados sob o ponto de vista da crescente degradação da saúde do nosso oceano devido à sobre-exploração de recursos, poluição, acidificação e destruição de habitats, entre outros.

Para assegurar a compatibilização entre a exploração de energia eólica offshore e a proteção do ambiente marinho – e mesmo entre as várias atividades marítimas – é crucial existir um planeamento e ordenamento do espaço marítimo que seja holístico e integrado e que contemple critérios que vão além da mera produtividade ou lucro empresarial. Neste quadro, as áreas espacializadas para implantação de projetos de energias renováveis offshore devem ser designadas tendo em conta critérios de biodiversidade e devem ser alicerçadas no melhor conhecimento científico disponível, de forma a garantir a minimização de riscos para espécies e habitats vulneráveis. E não nos deixemos enganar: existem efetivamente riscos.

Ganso Patola, por Alan Shearman (2)

Torne-se cooperador da Mútua e beneficie de vantagens nos serviços prestados pelas seguintes entidades:

- ✓ **Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados do Trabalho**, Sede Lisboa
- ✓ **Escola do Mar dos Açores**
- ✓ **Forsailing,** Lisboa
- ✓ **Associação David Melgueiro,** Peniche
- ✓ **Clínica Ortopédica da Algodeia**, Setúbal
- ✓ **Ortopedia Sorrisos**, Portimão
- ✓ **Clube Barra Talasso**, Nazaré
- ✓ **FIT IT Ginásio,** Lisboa
- ✓ **Audição Ativa**, Lisboa
- ✓ **Farmácia Central de Peniche**
- ✓ **Farmácia Silvério da Nazaré**
- ✓ **Farmácia do Rio,** Portimão e outros locais
- ✓ **Confraria da Nossa Senhora da Nazaré**
- ✓ **Óptica Arte de ver,** Peniche
- ✓ **Dias & Sabino, Estaleiros Navais,** Olhão
- ✓ **CaptDamas,** Nacional
- ✓ **Ad Mare Solutions, Lda**, Nacional
- ✓ **Montepio Geral - Associação Mutualista,** Nacional
- ✓ **Servilusa,** Nacional
- ✓ **Parque de Campismo SITAVA,** Vila Nova de Mil Fontes
- ✓ **Cerdeira, Turismo e Ambiente, Lda – Turismo de natureza**, Parque Transfronteiriço Gerês - Xurés

QUAIS SÃO OS RISCOS ASSOCIADOS?

A costa portuguesa é parte integrante do corredor migratório Atlântico Este, onde ocorre a passagem de muitas centenas de milhares de aves, incluindo espécies com estatuto de conservação desfavorável. A avifauna é um dos grupos potencialmente mais impactados pela energia eólica (colisão, efeito barreira, etc), sendo por isso um elemento-chave da biodiversidade a considerar na seleção das áreas de menor sensibilidade para a instalação destas estruturas. Para essa avaliação, recomenda-se (e exige-se) a utilização de ferramentas como o mapeamento de sensibilidade como base para a designação das áreas a afetar, de forma a minimizar eventuais impactos.

Nessa linha, devem também à partida ser excluídas áreas de conservação já designadas e a designar em breve (Rede Natura 2000, Áreas Marinhas Protegidas, etc.) áreas com alto valor ecológico (sapais, pradarias marinhas, etc), corredores migratórios ou áreas de alimentação de espécies sensíveis, bem como áreas atuais e futuras para restauro ambiental. Vale lembrar que nem só na Rede Natura 2000 se esgota a conservação da Natureza.

Apesar de as aves marinhas constituírem o caso mais flagrante, a implantação deste tipo de estruturas e de todas as operações que lhes estão associadas poderá ter também impactos relevantes na alteração da dinâmica dos habitats subaquáticos, através do aumento do ruído, radiação eletromagnética e do tráfego marítimo.

Além disso, no que se refere à minimização de impactos negativos na fauna marinha – sejam aves, cetáceos, tubarões e outros peixes entre outros –, deve ser sempre seguida a hierarquia de mitigação, que estabelece princípios claros para lidar com os impactos do desenvolvimento. Através da hierarquia da mitigação, o foco concentra-se em evitar completamente os impactos adversos (especialmente sobre a integridade dos locais protegidos), e somente quando isso não for possível, exigir medidas para mitigar ou compensar esses impactos.

Para além dos impactos in situ, é igualmente preocupante que a Comissão Europeia tenha avançado com a proposta de considerar estes projetos como "superior interesse público", criando uma espécie de "via-rápida" ambiental de enfraquecimento legislativo para a implantação do setor. Esta premissa é inaceitável, já que todos os projetos e estruturas devem ser alvo de uma avaliação de impacto ambiental rigorosa, que abranja todas as fases do ciclo de vida do projeto – desde a situação de referência até ao desmantelamento.

E porque em Portugal se pretende avançar com o primeiro procedimento até ao final deste ano, urge relembrar que a inclusão de critérios ecológicos na ponderação dos projetos é crucial para incentivar boas práticas como o uso circular de recursos, o design inclusivo para a natureza, a proteção de ecossistemas vulneráveis, o restauro de habitats e a partilha de conhecimento entre interlocutores. No fundo, ir além dos critérios baseados no preço e incluir critérios ambientais e sociais vai permitir o alinhamento entre o desenvolvimento de projetos de energia eólica offshore, as metas da Estratégia de Biodiversidade da União Europeia e os princípios presentes na Diretiva relativa à promoção da utilização de energia de fontes renováveis. É por isso que, nos processos de licitação, se deverá privilegiar um modelo centralizado, que assegure que a ponderação de propostas de projetos inclua pelo menos 30% de critérios não-económicos, como sejam a redução de impactos, a promoção e a proteção da biodiversidade, inovação e a participação dos cidadãos e efetiva inclusão social.

Por último, porque o mar é de todos, e porque a biodiversidade marinha é um bem-comum indispensável, é fundamental assegurar que todos tenham voz. É necessário um envolvimento dos diferentes stakeholders (incluindo ONGA, Pesca e Academia) em todo o processo – algo que não foi feito até aqui –, de forma a utilizar a melhor informação científica disponível, criar sinergias e reduzir potenciais conflitos espaciais. Depois da pressão de ONGAs como a ANP|WWF, Sciaena, SPEA e ZERO, e outros atores de interesse, como o sector da pesca, algumas das chamadas go-to areas inicialmente previstas e que não respeitavam critérios sociais ou ambientais, (como a localização em áreas classificadas de proteção marinha ou zonas importantes para a pesca) foram em princípio excluídas como áreas de implantação dos projetos das eólicas offshore. Mas temos de continuar a trabalhar para que o diálogo com as comunidades seja parte central destes processos e que a implantação deste tipo de energia não ponha em causa o ambiente marinho.

Nesta corrida para descarbonizar os nossos sistemas energéticos, não podemos esquecer que o objetivo subjacente a esta transição energética é parar a degradação do meio ambiente, em benefício da natureza e das pessoas. O desenvolvimento das energias renováveis deve progredir com respeito pela conservação da natureza e de acordo com as capacidades ecológicas dos ecossistemas, de forma a providenciar soluções sustentáveis e realmente efetivas para combater a crise ecológica, que é climática e da biodiversidade. Não precisamos apenas de energia limpa de emissões de GEE, também precisamos de um oceano produtivo, bio diverso e saudável – e a transição energética não se pode fazer agravando o declínio da biodiversidade, degradação dos ecossistemas e das suas funções ecológicas, que tanto ameaçam o nosso futuro coletivo. A conservação e restauro da natureza e a transição energética devem ser planeadas e implementadas paralelamente para que possam apoiar-se mutuamente na concretização dos objetivos climáticos, de biodiversidade e energéticos de Portugal.

ANP|WWF - Ana Henriques /ahenriques@natureza-portugal.org
Sciaena - Henrique Folhas / hfolhas@sciaena.org
SPEA - Nuno Barros / nuno.barros@spea.pt
ZERO - Carolina Silva / carolina.silva@zero.ong

Quem vai ao mar segura-se em terra...

SEGURPESCA *XXI*

O NOSSO PRODUTO DE ELEIÇÃO PARA OS PROFISSIONAIS DA PESCA

Seguro obrigatório de Acidentes de Trabalho
Seguro obrigatório de Acidentes Pessoais
Garantia obrigatória de Perda de Haveres
Garantia de Compensação Salarial

- Todas estas coberturas numa única apólice e sem necessidade de burocracias.
- Os prémios são cobrados por desconto em lota, assegurando a distribuição das partes e a transferência completa dos salários e capitais impostos por lei
- A atualização das pessoas segura obedece a uma esquema muito simples, baseado no rol de matrícula da embarcação.
- O contrato pode ser interrompido, devido à paralisação da embarcação, e total inatividade da respetiva tripulação, periodo durante o qual não haverá lugar ao pagamento de prémios.

SEGUROS MÚTUA

MÚTUA DOS PESCADORES
seguro solidário

SEGURPESCA *XXI* claramente a melhor opção!

www.mutuapescadores.pt • geral@mutuapescadores.pt

Esta informação não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida.

O Mar não é dos pescadores!

Luis Vicente
Secretário-geral da ADAPI
Associação dos Armadores
das Pescas Industriais

"O Mar não é dos pescadores", disse o presidente da Fundação Oceano Azul no primeiro dos 3 debates promovidos pelo Governo depois do anúncio da criação de 10 zonas marítimas, com mais de 320.000 hectares, para a instalação de plataformas eólicas offshore. É inteiramente verdade: o Mar não pertence nem está concessionado a nenhum grupo ou indivíduo. "É de uso e fruição comum", diz a Lei de Bases do ordenamento e Gestão do Espaço Marítimo Nacional (LBOGEM)

Mas também é verdade que os pescadores, não sendo donos do Mar, saem todos os dias dos portos de pesca nacionais para irem buscar a esse Mar o peixe que faz falta nos pratos dos portugueses – e nas fábricas de Portugal. Já o faziam, aliás, antes de existir LBOGEM, ou a República, ou sequer Portugal. E quando investem em embarcações, artes, e formação, ou quando continuam a trabalhar apesar de preços de combustível proibitivos, ou variações drásticas de quotas, ou até literais pandemias, fazem-no porque planeiam continuar a sair, eles e os seus filhos, todos os dias, para ir buscar esse peixe. Não sendo donos do Mar, são quem mais tempo nele passa e mais da sua vida nele investiu.

Por isso mesmo, os pescadores não compreendem como é que, nos últimos dias de 2022, um grupo de trabalho do Governo apresentou uma proposta para a criação de 10 zonas para a instalação de geradores eólicos offshore, duas em formato fixo (entretanto abandonadas) e oito em formato de plataforma flutuante. Uma proposta de três ministérios, excluindo o que tem competência sobre a pesca, e que descreve como foram consideradas todos as condicionantes e usos do Mar, dos cones de aproximação aos portos aos naufrágios de valor cultural, das zonas de migração de pássaros aos locais reservados a treinos militares, tudo menos a pesca.

Desde então, decorreu já uma ronda de audição pública e os pescadores participaram em grande número, através das suas associações. Não foi fácil, no entanto, apresentar contributos de valor quando tantos dos dados de VMS, vendas, impactos em comunidades e ecossistemas, necessários para avaliar o impacto do encerramento das áreas em questão estão apenas na posse do estado, e exigem trabalho científico. A plataforma continental de Portugal, em sentido geográfico, é muito curta, mas é aí que opera a pesca e é aí que as plataformas offshore têm de ficar ancoradas. Além disso, a pesca costeira está sujeita a distâncias mínimas da

costa, apertando ainda mais a faixa de viabilidade para a sua operação.
Além de já terem uma faixa relativamente curta de espaço, que seria agora ocupada e interrompida por blocos de zonas para produção de energia, as embarcações de pesca estão também sem opções para se relocalizarem. Se as embarcações expulsas dos seus atuais pesqueiros se concentrarem nas zonas não afetadas (ou menos afetadas) vão simplesmente perturbar os atuais equilíbrios naturais e socioeconómicos lá existentes, pondo em causa as estratégias de preservação dos recursos e gerando conflitos. Foi o que já vimos acontecer, à escala local, nas zonas experimentais criadas ao largo de Viana do Castelo.
Outra coisa que já vimos acontecer, mas noutros estados-membros da União Europeia, foi a promessa de que as zonas ocupadas pelas torres eólicas são compatíveis com algumas artes de pesca, ou até potenciadoras de maior produtividade dos recursos. Na verdade, o que nos relatam os nossos colegas de países em que já existem parques eólicos é que mesmo quando a atividade de pesca não é proibida nas zonas em questão, os riscos associados à navegação perto das estruturas geradoras é tal que as seguradoras se recusam a cobrir barcos que o façam, e não há nenhum aumento de peixe nas zonas em redor, pelo contrário. A questão da navegação, já agora, não é de somenos, porque

significa que mesmo áreas não encerradas à pesca podem tornar-se de facto inacessíveis à pesca, desde que a zonas encerradas imponham um tal desvio de navegação que o custo de lá chegar se torne igual ou superior ao do produto da pesca.
Mais ainda: tudo o que escrevi até agora é só sobre as zonas para instalar geradores, mas estes têm também de ser ligados a terra. Essas ligações, que podem acabar por ser ainda piores em termos de impacto na pesca, não constam sequer dos planos já colocados em consulta pública.
A Resolução do Parlamento Europeu, de 7 de julho de 2021, sobre o impacto no setor das pescas dos parques eólicos marítimos e de outros sistemas de energias renováveis, "alerta para o facto de as energias renováveis marítimas apenas serem sustentáveis se não tiverem um impacto negativo no ambiente ou na coesão económica, social e territorial, especialmente nas regiões dependentes das pescas". No entanto, as zonas estão a ser desenhadas sem qualquer avaliação de impacto socioeconómico estar feito ou sequer previsto, quer a nível nacional ou comunitário. Também não existe avaliação de impacto ambiental, ficando apenas previsto que terá de ser feita mais tarde.
Já é tarde demais para fazer estudos prévios, e mesmo que da consulta pública saiam alterações pontuais às zonas propostas antes de se falar com a pesca, será sempre a imposição de um facto consumado. Resta, assim, saber o que fazer às embarcações que deixem de ser economicamente viáveis, não por culpa própria ou por qualquer problema relacionado com os recursos naturais, mas porque o Estado decidiu pôr fim a uma atividade produtiva existente num determinado espaço, para a substituir por outra, que espera ser direta ou indiretamente mais produtiva.
Claro que se pode discutir se a ocupação do espaço por produção de energia eólica offshore flutuante, ou outra fonte de energia offshore flutuante, é efetivamente mais produtiva. É verdade que vento não falta, mas os custos de construção, instalação e manutenção também são muito superiores aos das torres em terra, ou sequer aos das torres fixas. Será isto interessante para a carteira do consumidor, que no final será quem vai ser chamado a pagar os subsídios diretos ou indiretos que vão cobrir esses custos? Temos assistido a várias declarações sobre a descida do preço da energia eólica offshore, indicando inclusive que já custa menos do que o carvão, mas isso aplica-se apenas ao offshore fixo, que não é a que está a ser proposta em Portugal. Também vimos que o recente leilão no Reino Unido, com eólicas offshore flutuantes, como as propostas para Portugal, ficou deserto, mesmo com preços de mais de 130 euros por MWh.
De qualquer forma, o Governo pode sempre decidir que os valores necessários para compensar a criação de tais parques eólicos na costa portuguesa, sejam eles quais forem, são justificados, e que é preciso avançar na mesma. Neste caso, há duas opções: Primeira, o Estado pode dizer que as embarcações são livres de ir pescar noutro lado, impondo à restante pesca os problemas decorrentes de ter o mesmo número de embarcações em menos espaço, caso em que vai causar conflitos dentro e entre comunidades costeiras, além de previsíveis impugnações judiciais. Segunda, o Estado pode assumir que pretende erradicar uma atividade em equilíbrio ambiental e económico, autossustentável, em que tantos pescadores investiram o presente e o futuro, e nesse caso terá de o fazer com compensações condignas para as empresas e tripulações afetadas, retirando as embarcações da frota.

** Mapa das eólicas, de outubro de 2023*

EMBARCAÇÕES EM TERRA - EÓLICAS NO MAR

A ocupação do espaço marítimo por parques eólicos: mais uma página na crónica de uma morte anunciada

Conselho de Administração da Mútua dos Pescadores

Das juras de amor ao cadafalso quanto tempo leva? Há bem pouco tempo, muitos responsáveis nacionais e supranacionais, multiplicavam-se em rasgados elogios ao setor primário, aos seus profissionais e empresas. Elevavam à condição de heróis - sempre que necessário assim é - os homens e mulheres que se expunham à pandemia para colocar na mesa dos portugueses aquilo que lhes permitia, em primeira e última análise, sobreviver – os bens alimentares

Por muitas voltas que o mundo tenha dado, e deu, por muitas transformações que o Trabalho tenha levado, e levou, ainda não foi possível capturar pescado, pastar o gado ou colher da terra o que previamente se plantou por teletrabalho. No fundo, estávamos perante um problema complexo: como abastecer a população de alimentos, através de pessoas que também têm os seus medos, as suas inseguranças, os seus sonhos, as suas famílias para proteger e as suas próprias dificuldades no plano material? Logo, havia que valorizar estes profissionais, nem que fosse apenas no plano da retórica política e circunstanciada.

Passado muito pouco tempo após o país se ver libertado dos espartilhos e limitações ditadas pelas medidas de contingência, entrando numa certa normalidade, e agora que se juntam novas ameaças às ameaças que há muito pairam sobre o setor primário, particularmente sobre as pescas, tudo nos parece mais claro, imoral, e absolutamente utilitário o tratamento dado a estes profissionais e empresas no contexto pandémico – nada se pode esquecer assim tão rápido!

Os que ontem eram fundamentais ao funcionamento do país, hoje são matéria dispensável, massa a reduzir, dado que os seus interesses (os da pesca) se devem compatibilizar com os interesses das atividades emergentes que disputam o mesmo, e apetecível, espaço – o espaço marítimo nacional. Aliás, como defende o governo: todos têm o seu lugar e ninguém é dono do mar!

Os imprescindíveis no tempo da pandemia, e afunilando o que aqui se escreve para o setor da pesca, foram também imprescindíveis nos principais momentos da história, até porque fazem a história deste país trabalhando diariamente para garantir o abastecimento de pescado às populações.

Quando todos viraram as costas ao mar, quando o mar ainda não tinha virado moda, os únicos que sempre o encararam, bem de frente, foram os pescadores. Foram sempre os pescadores que o trabalharam, que o conheciam, mapeavam, e transferiam todo esse conhecimento, quase de forma "ingénua e imprevidente" (parafraseando Raul Brandão), para esses, tantos, que hoje lhes querem reduzir o espaço, en-

trincheirando-os cada vez mais até quebrarem toda a sua capacidade de resistência. No mar como em terra, as táticas de ocupação coerciva do território são, nos seus múltiplos aspetos, muito idênticas.

Para os muitos que continuam a defender a continuidade do setor piscatório nacional, colocando-o ao serviço dos interesses do país e do seu povo, os processos - no que concerne à instalação de parque eólicos em largas parcelas do nosso mar – têm sido tudo menos claros e transparentes, subsistindo enormes dúvidas acerca do verdadeiro interesse para as populações e para o país sobre o que efetivamente resulta deste tipo de projetos.

Tendo em conta a falta de informação e de conhecimento real daquilo que se pretende instalar, quais os seus resultados e impactos nas diferentes dimensões do problema - de ordem social, económica, cultural e ambiental? Como se poderá avançar para um projeto de tão grande fôlego nestes moldes?

O que se pretende, segundo o que tem vindo a público, é alcançar uma meta de produção de energia eólica em offshore 33,3 vezes superior ao que existe hoje, ou seja, passaria de 0,3 GW para uma produção máxima estimada de 10 GW, como consta no Plano Nacional de Energia e Clima (PNEC) 2030.

Como nos parece ser evidente, um salto desta natureza só poderá ser conseguido com uma forte componente de subsidiação pública, visto que não é expectável, tendo em conta o risco existente, que as grandes empresas privadas do setor da energia queiram submeter-se a tais incertezas. A tentativa de garantirem preços mínimos para lotes da energia colocados a leilão são disso um exemplo, pois os acérrimos defensores das virtudes do mercado não se querem sujeitar aos seus caprichos e volatilidades!

Tudo isto acontece no espaço da União Europeia (UE), a mesma UE que afirma não poder intervir naquilo que é a "liberdade" dos mercados e na livre transação de bens e serviços, quando alguns setores reclamam aplicação de preços fixos de primeira venda para os bens essenciais, designadamente para o pescado.

Para que este desiderato se possa atingir, ter-se-á de pulverizar o mar com torres eólicas agrupadas em parques que, no seu conjunto, ocuparão mais de 3000 km2 do nosso espaço marítimo, ao longo da costa ocidental. Estes parques coincidirão exatamente com as principais zonas de pesca ao longo da demasiado curta plataforma continental que possuímos.

Por entre muitas outras questões, estes parques eólicos colocam também muitas reservas para a segurança da navegação marítima. As pequenas associações de pesca do extremo norte do país, já podem fazer um balanço dos impactos do projeto pioneiro em Viana do Castelo, designado por "Windfloat Atlântico", e todas estão contra a instalação destes parques, dentro dos moldes em que foram apresentados.

As mesmas Associações fazem um balanço amplamente negativo deste projeto, atribuindo-lhe inclusive responsabilidades nas alterações da flora e fauna na região. Acrescem a estas preocupações, não só os impactos visuais e paisagísticos significativos, os impactos sonoros e de potenciação da deslocação do ar provocados pelas torres eólicas, mas também ao nível dos cabos instalados a cerca de 100m de profundidade que transportam a energia gerada até à terra.

Seria muito importante que o setor e as suas comunidades, nesta fase, vissem respondidas uma série de questões que estão a assolar milhares de pessoas: que benefícios concretos, no plano da poupança com a fatura da energia, poderiam ter os portugueses através deste projeto? Como é que este projeto se iria refletir, em termos percentuais, no conjunto da redução da nossa dependência energética? Quantas unidades de pesca seriam abatidas por se constituírem inviáveis depois deste projeto ser implementado? Quantos profissionais e empresas seriam afetados? Com o hipotético abate de embarcações e, por consequência, uma diminuição da capacidade produtiva, em que percentagem, e em que valores, se prevê o agravamento da balança comercial de produtos da pesca? Que esforços serão feitos para garantir o abastecimento público de pescado à população portuguesa, tendo em conta os consumos médios per capita/ano (57kg) que o país evidencia? Quantos profissionais e empresas, em atividades conexas (portos e lotas; construção e reparação naval; comercialização e transformação de pescado, conservas, restauração e hotelaria; comércio local…) seriam afetados? Como se redefiniriam as estratégias de promoção do país com base numa alimentação saudável, a famosa dieta mediterrânica, recorrendo, entre outros, a slogans como "Temos o melhor peixe do Mundo"? Que custos para a saúde pública terá uma diminuição abrupta de consumo de pescado? Estaremos nós dispostos a lutar por maior autonomia energética tendo de acentuar uma maior dependência no plano alimentar? Teremos acesso a estudos comparativos com experiências análogas, e quais os seus impactos em outros países? E poderíamos continuar, pois as indagações sem resposta são inúmeras!!!

Sabemos que nenhum projeto desta natureza poderá ser sustentável se determinar a diminuição, reconversão profunda ou mesmo a extinção das comunidades piscatórias, tal como as conhecemos.

Quando foi tornado público este projeto, o mesmo caiu que nem uma bomba no interior do setor piscatório nacional, apesar de se tentar a sua legitimação através dos habituais períodos formais de consulta pública.

A Mútua dos Pescadores, e na sequência da efetiva auscultação no terreno aos seus cooperadores e dirigentes, no âmbito da realização das reuniões anuais dos seus concelhos regionais ao longo de todo o país (Norte, Centro, Sul, Algarve, Açores e Madeira), e que acontecem no primeiro trimestre de cada ano, decidiu emitir uma nota de imprensa onde constavam precisamente todas as preocupações, dúvidas e receios que os citados cooperadores e dirigentes transmitiram à sua cooperativa.

As preocupações mantêm-se e avolumam-se. Os sinais dados não são favoráveis às pretensões do setor da pesca que, registe-se e sublinhe-se, nunca esteve, nem está, contra a chamada transição energética, contra a sua descarbonização ou contra a instalação de parques eólicos no mar, está contra a forma como o processo está a ser conduzido e está liminarmente contra as zonas inicialmente indicadas para fixação das plataformas, exigindo a sua deslocalização para fora (para oeste) da plataforma continental. Só assim se compatibilizarão, em nossa análise, todos os interesses em jogo, designadamente o superior interesse nacional.

A descarbonização energética não poderá significar a "carbonização" – no sentido da sua extinção – de muitas comunidades ao longo do país, da sua cultura, das suas identidades e de uma certa filosofia de vida que lhes está subjacente e da qual não querem abdicar.

Os "amigáveis" ventos que poderão fazer girar as pás das torres eólicas, não poderão transformar-se em autênticos ciclones que varrerão literalmente as comunidades que sempre dependeram do mar e da pesca para viver.

Mais conhecimento, informação e proximidade precisam-se. Serão passos fundamentais para ganhar a confiança das pessoas, bem como o nosso futuro coletivo, em qualquer dimensão que seja.

Docapesca lança Campanha de Promoção do Pescado Fresco Português

Campanha de comunicação em televisão, rádio, imprensa e redes sociais vai demonstrar que o pescado português… Nada Melhor

Os portugueses são grandes consumidores de pescado por tradição, mas não podemos esquecer que anualmente, são descarregadas mais de 200 espécies na nossa costa, que podem ser confecionadas de várias formas, em qualquer momento e para todas as carteiras.

Por estes motivos, o Ministério da Agricultura e Alimentação e a Docapesca lançaram a nova Campanha de Promoção do Pescado Fresco Português. Com esta campanha pretendemos salientar a importância do pescado para a economia nacional, valorizar o trabalho dos nossos pescadores, mas também promover um consumo mais diversificado, dando a conhecer espécies menos comuns, mas igualmente saborosas, contribuindo assim para a sustentabilidade dos recursos.

A primeira fase desta campanha inicia-se no dia 8 de novembro, nos canais de TV generalistas, na rádio, na imprensa local e nas redes sociais e conta a participação de rostos conhecidos como Fátima Lopes, Fábio Coentrão, Chef António Alexandre e trabalhadores do setor da pesca como o Mestre José Alberto Dinis, entre outros. Em 2024, a campanha terá continuidade através de uma segunda fase.

Porque entendemos que o pescado português é de grande qualidade, consideramos que este deve ser valorizado, contribuindo assim para o aumento da rentabilidade das comunidades piscatórias, a Docapesca prossegue esta estratégia de promoção do pescado fresco nacional, tão relevante para a nossa frota de pesca.

A Docapesca – Portos e Lotas, S.A. é uma empresa do Setor Empresarial do Estado, tutelada pelo Ministério da Agricultura e Alimentação e pelo Ministério das Finanças, que tem a seu cargo, em Portugal continental, a gestão dos portos de pesca e a organização do serviço público de primeira venda de pescado, assim como atribuições de autoridade portuária nas áreas sob sua jurisdição, onde se incluem infraestruturas de apoio à náutica de recreio, estaleiros navais e outras atividades conexas ao Setor da Pesca Profissional e da Aquicultura.

ASSIM

OU ASSADO

PEIXE FRESCO PORTUGUÊS NADA MELHOR

saboroso, saudável, sustentável

REPÚBLICA PORTUGUESA
AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO

DOCAPESCA
PORTOS E LOTAS, S.A.

COFINANCIADO POR:
MAR 2030
PORTUGAL 2030

PROCURE ESTA ETIQUETA

Construção Naval... arte como ofício de vida

José Arsénio

Constução de uma aiola, embarcação tradicional de Sesimbra

A arte de José Arsénio não é uma novidade para a Mútua dos Pescadores, que acarinha a sua obra fotográfica desde há muito, apoiando diversas obras suas, que espelham sobretudo a realidade de Sesimbra, num compromisso que assumimos com o seu modo de valorizar as culturas costeiras, através de um olhar atento e cuidado sobre as pessoas e as suas vivências no território.

Esta obra é dedicada às atividades desenvolvidas nos Estaleiros Navais, dando especial atenção e relevo às atividades relacionadas com a construção e reparação de embarcações tradicionais em Sesimbra, e tem também como objetivo "a preservação, divulgação e promoção destas mesmas atividades". O mesmo que dizer de valores culturais que unem as populações ribeirinhas, e que são também uma referência cultural em todo o país.

O Livro reúne várias fotografias tiradas ao longo dos últimos anos, e vai contando também a história dos espaços e dos profissionais dos estaleiros, recorrendo a citações suas ao longo do livro. Uma obra viva, enriquecida com apontamentos históricos e etnográficos, e um glossário que permite ao leitor uma aproximação mais fiel às realidades e contextos concretos. Uma obra através da qual quase podemos sentir, citando Armindo Neves Pombo, "o cheiro a resina, o barulho da serra, o esforço envolvido e a escala das pás das hélices, portas de leme, rodas e proa ou balizas." (p.9, Prefácio da obra).

Uma obra que testemunha também a relação, nem sempre saudável, entre a tradição e a modernidade, entre os carpinteiros de machado e as novas técnicas … defendendo-se aqui que todos têm lugar, na medida em que coexistem no presente, efetivamente, diferentes embarcações e materiais de construção, com diferentes usos e propósitos. Realidades que não têm de ser exclusivas, e que podem perfeitamente conviver, no respeito pelas especificidades de cada uma.

Esta é uma edição de autor, que conta com o apoio da CM Sesimbra e Docapesca, e outras entidades, entre as quais a Mútua dos Pescadores.

As fotografias do autor que integram a obra foram recolhidas entre 2008 e 2015 nos Estaleiros Navais do Porto de Abrigo de Sesimbra e na Serração da Barrosinha, em Alcácer do Sal.

Os textos que acompanham as fotografias são excertos de entrevistas realizadas no Porto de Abrigo de Sesimbra e na Cidade de Setúbal, durante o ano de 2022: Acácio Vidal Farinha, carpinteiro naval (excerto de uma entrevista realizada em 1990); Alberto Zegre, carpinteiro naval; António Manuel Braz, serralheiro; Carlos Friaza, mecânico de automóveis; João Luís Santos, calafate; José Manuel Gomes, pintor; Mário Lourenço, operador de alagens; Policarpo Botas, carpinteiro naval e Rui Farinha, carpinteiro naval.

A obra conta com textos do autor, de António José Madeira, Armindo Noves Pombo e João Augusto Madeira.

José Arsénio é responsável pela recolha e transcrição dos testemunhos, e com António José Madeira faz a organização das mesmas.

Para além das fotografias do autor, algumas fotografias foram cedidas por Isaura Rastreio e Rui Farinha.

O design gráfico é de Sandra Veríssimo.

Sardinha, o sem fim da pesca do cerco - Uma homenagem às artes e aos homens do mar da sardinha

Livro e exposição fotográfica de Helder Luís

Durante quatro anos, entre 2018 e 2022, a partir de uma residência artística na Póvoa de Varzim, Helder Luís percorreu o mar português a bordo de várias embarcações, a partir de quase todos os portos de pesca do país, acompanhando a vida no mar de muitas tripulações. Uma viagem sem guião, que coloca em evidência a dimensão nacional da pesca da sardinha, a pesca das pescas do mar português, mas também uma saga humana pouco mais do que invisível, a não ser quando há notícia de naufrágios

ou quando se reabrem os debates sobre a escassez do recurso. Uma publicação que procura documentar aquela que é "a arte de pesca mais importante em Portugal" e um contributo para o reconhecimento dos homens que passam as noites no mar atrás de um peixe que teima em escapar e que, tantas vezes, regressam sem sustento para os dias seguintes.
O autor parte de um universo de cerca de 20.000 imagens registadas ao longo dos 4 anos, para apresentar a seleção que estabelece a narrativa principal, complementada com infografias e ilustrações científicas, procurando documentar e visualizar a complexidade desta arte de pesca. São apresentados enquadramentos históricos, entrevistas e notas biográficas de alguns pescadores, conteúdos sobre as técnicas de pesca, as espécies de peixe, os tipos de embarcações ou a construção naval.
O livro conta com os contributos científicos de Álvaro Garrido, professor catedrático e diretor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e de Diana Feijó, técnica do Instituto Português do Mar e da Atmosfera, a par das ilustrações científicas de Pedro Salgado, biólogo.
O Livro foi apresentado na Póvoa de Varzim, no âmbito do Correntes d'Escritas, a 18 de fevereiro, e a 25 de fevereiro, no Diana Bar, Póvoa de Varzim, com a presença de Luís Diamantino, vice-presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim; de Álvaro Garrido, diretor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e de representantes das Associações de Pesca da região e de pescadores de várias embarcações que fazem parte deste projeto. Desde Fevereiro tem estado em diversos locais, para regozijo dos pescadores e armadores desta arte de pesca, em todo o país.
Do livro nasceu também a exposição itinerante, apresentada em junho deste ano, na Póvoa de Varzim, e a Mútua sempre que pode vai atrás!
Parabéns, Helder e que honra para a Mútua continuar a caminhar a teu lado.

Círio de Nossa Senhora da Tróia

José António Carvalho

"Círio de Nossa Senhora da Tróia" é um livro sobre as várias dimensões que compõem a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, que é a romaria da comunidade dos pescadores varinos de Setúbal à Capela de Nossa Senhora de Tróia, neste seu presente efervescente, de aceleradas mudanças e permanente devoção.
Os círios são velas de cera de grandes dimensões que eram levados aos santuários em romaria e considerados indispensáveis para a celebração do culto divino. Com o tempo e por metonímia a própria romaria passou a ser designada por "círio".
A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia tem a duração de três dias (Sábado a Segunda-feira) e a sua data é marcada nas três primeiras semanas do mês de Agosto, dependendo das marés, de modo a que os barcos de pesca de maior calado possam entrar na Caldeira de Tróia na tarde de Sábado e saírem na tarde de Segunda-feira para o regresso a Setúbal. A primeira menção conhecida à ermida de Tróia é de 1482 e à festa a Nossa Senhora é de 1707.
A Capela de Nossa Senhora de Tróia assenta numa construção romana e está localizada a poucos metros de uma igreja paleocristã dos finais do séc. IV ou de inícios do séc. V. No espaço desta igreja foi encontrado um baixo-relevo mitraico, típico dos santuários de Mitra, que sugere a convivência ou a sucessão dos dois cultos no mesmo espaço, em época romana. Por conseguinte, a localização de uma capela neste espaço tem raízes fundas e explica-se pela densidade e sobrevivência de um espaço sagrado de época romana.
Este livro é uma edição de autor, de Julho de 2023, bilingue (Português/ Inglês), em capa dura, no formato 21x25 cm, com 152 páginas e nele estão cerca de 100 fotografias captadas entre 2010 e 2019, organizadas em três histórias fotográficas (por José António Carvalho), textos sobre as comunidades de pescadores de Setúbal de Troino e Fontaínhas (por José António Carvalho), sobre as vivências da fé nesta festividade (pelo Pe. Casimiro Henriques), sobre a festa neste último século, num mergulho antropológico com sabor a mar e cheiro a presente (por Maria Miguel Cardoso) e sobre a história da festa e o fenómeno de continuidade do lugar sagrado de Tróia desde a época romana (por Inês Vaz Pinto).

José António Carvalho, jascarvalho@gmail.com

A Mútua, que acompanha e apoia estas Festas desde há muitos anos, saúda o autor pelo trabalho desenvolvido, e envia uma saudação especial ao Presidente da Comissão das Festas, Armando Oliveira.

Nota: Todos os livros podem ser consultados na Mútua dos Pescadores. Visite-nos!

100 anos d'Os Pescadores, de Raul Brandão

Celebram-se em 2023, 100 anos da obra "Os Pescadores" de Raul Brandão, obra impressionista que descreveu a vida e o trabalho dos pescadores portugueses de norte a sul do país, os seus territórios e as suas paisagens. A obra reflete a experiência e vivência de Raul Brandão com essas comunidades, e sua relação familiar e afetiva, como neto de pescador, a quem dedica a obra – "à memória de meu avô, morto no mar".

> *"Quando regresso do mar venho sempre estonteado e cheio de luz que me trespassa. Tomo então apontamentos rápidos – seis linhas – um tipo – uma paisagem. Foi assim que coligi este livro, juntando-lhe algumas páginas de memórias. Meia dúzia de esboços afinal, que, como certos quadrinhos ao ar livre, são melhores quando ficam por acabar.*
> *Estas linhas de saudade aquecem-me e reanimam-me nos dias de Inverno friorento. Torno a ver o azul, e chega mais alto até mim o imenso eco prolongado… Basta pegar num velho búzio para se perceber distintamente a grande voz do mar. criou-se com ele e guardou-a para sempre. – Eu também nunca mais a esqueci…" (Raul Brandão, pág. 23)*

A editora Página a Página reeditou a obra, tomando como referência a 1.ª edição da obra, de 1923 (Bertrand) e outras edições mais recentes, de 1986 (Ed. Comunicação) e 2014 (Relógio D'Água), que tiveram em consideração as emendas do autor, acrescentando-lhe as belíssimas ilustrações de Marta Nunes, inspiradas nas fotografias de Artur Pastor, das décadas de 40 e 50, do séc.XX.

> *Sobre a obra diz emocionada que é uma "viagem pela paisagem costeira, pelas suas gentes, as suas vidas no mar e fora dele, é sobre o quotidiano e o memorável, mas especialmente sobre a cor dos dias junto ao mar desde a neblina ao pôr-do-sol. Li num outro livro, que quando andamos à procura das paisagens que outros visitaram em tempos, há uma coisa que não muda, mesmo que no território já não haja referência do que temos em fotografia ou escrito, essa coisa é a luz. Ao ler este livro foi sobre esta luz que associei de imediato as fotografias de Artur Pastor, numa viagem de 30 anos da escrita às imagens, na mesma busca de referências, encontrei os lugares descritos por Raul Brandão e gosto de pensar que secretamente posso ter encontrado algumas pessoas que se possam ter cruzado com ele. Estas ilustrações são, portanto, a ligação ao dia de hoje numa tentativa de que sintam vontade de ir descobrir os lugares, e que, como eu os visitem para ver essa luz que nunca muda!" (Marta Nunes, sítio da Internet Portugal Manual)*

O apoio da Mútua dos Pescadores a este projeto editorial, visou não apenas associar-se à homenagem ao seu autor e ao centenário da obra, mas também sensibilizar a sociedade em geral para a importância do setor da pesca e contribuir para dar visibilidade aos pescadores, às suas comunidades e às culturas marítimas!
A obra tem sido apresentada em diversos locais, suscitando discussão e relexão, desde que foi lançada em setembro, na Feira do Livro da Festa do Avante, na Quinta da Atalaia, Seixal. Convidado a prefaciar a obra, o Presidente da Mútua, João Delgado, trouxe para os dias de hoje as problemáticas afloradas por Raul Brandão há cem anos, e que se foram agudizando até hoje: a pressão do turismo sobre o litoral, as "relações de trabalho e as relações comerciais estabelecidas entre pescadores e grandes armadores e entre produtores e comerciantes de pescado, naquilo que concerne a uma justa redistribuição da riqueza criada ao longo da cadeia de valor", ou a "crença" de que o mar pertence aos pescadores, e não tem fronteiras… quando na realidade hoje é cada vez menos dos pescadores, com terreno ganho para os parques eólicos, "explorações de aquacultura em espaço marítimo, das armações do atum no Algarve, as delimitações para o funcionamento das atividades marítimo-turísticas e de recreio (em grande ascensão) ou o aumento exponencial das áreas marinhas protegidas", em processos nem sempre dialogantes… Mas apesar de todos os processos difíceis Os Pescadores aí estão de novo, a percorrer o litoral, para mostrar também que o seu prematuro desaparecimento do novo regime jurídico da atividade profissional dos marítimos (Decreto-Lei 166/2019, de 31 de outubro), não lhes roubou essa identidade.

> *"Não se trata de uma vontade romântica de ressuscitar as velhas comunidades tradicionais com toda a sua identidade com traços de medievalidade e recusar as transformações que tornaram, em certos casos, o litoral de Brandão praticamente irreconhecível. Trata-se, isso sim, de reclamar um maior equilíbrio entre a compatibilização de atividades tradicionais, com provas dadas em matérias centrais na vida das populações, como no que diz respeito ao abastecimento alimentar, e as atividades emergentes, algumas envoltas em grandes nublosas e interesses opostos aos das populações." (João Delgado, pág. 14)*

No mar não há limites

Campeonato do Mundo de Vela Adaptada em Portimão: Em nome da inclusão

O Hansa Worlds Portimão Championship, realizou-se entre 14 e 21 de outubro, provando que o mar e o vento são para todos, independentemente da sua condição física.

Cerca de 230 velejadores de 18 países competiram pelo título de campeão do mundo em classes diferentes, de acordo com o seu nível de deficiência/condicionamento. A organização deste evento coube ao Iate Clube, Marina de Portimão e Vela Solidária, projeto que faz parte da Associação Teia D'Impulsos. Um desafio que envolveu centena e meia de pessoas e que teve como grande objetivo proporcionar uma experiência desportiva, social e cultural única e inesquecível aos velejadores, equipas técnicas e acompanhantes.

Tratou-se do maior evento de vela adaptada desta dimensão, alguma vez realizado, o que é também um motivo de orgulho para Luís Brito, diretor do evento, e coordenador do projeto Vela Solidária. Na bagagem traziam já a experiência de organização do Campeonato da Europa de Vela Adaptada em 2019, mas desta vez o número de participantes praticamente duplicou, dividindo-se pelas 5 classes Hansa*.

Portugal tem já um currículo de destaque em Vela Adaptada, e neste campeonato foram 19 os atletas. De entre eles, a dupla Guilherme Ribeiro e Pedro Câncio Reis (atletas da Vela Solidária) sagrou-se vice-campeã do mundo da classe adaptada RS Venture Connect, que se realizou em Haia, nos Países Baixos. Esta equipa portuguesa estreou-se em competições mundiais em 2022, ano em que subiu ao 3º lugar do pódio no Campeonato do Mundo de Vela Adaptada em Omã.

Neste mundial de Portimão, competiram pela primeira vez na classe Hansa 303 Double como dupla e o resultado final (12º lugar) espelha a adaptação que os 2 velejadores tiveram de desenvolver em relação a um barco diferente.

O polaco Piotr Cichocki, velejador olímpico e já detentor de títulos mundiais, dominou totalmente as 2 classes em que participou. Em Hansa 303 Single venceu 5 das 9 regatas, levando para casa o título de campeão mundial. Em Hansa 303 Double, onde fez dupla com a sua compatriota Joanna Cichocka, terminou sempre as regatas entre os 3 primeiros lugares e foi sem surpresa que conquistou o troféu mundial nesta classe.

Nas restantes provas, em 2 das 5 classes em competição, os velejadores nacionais conseguiram subir ao pódio, depois de 6 dias de prova com condições climatéricas muito exigentes. A velejar em casa, João Pinto, atleta do Clube Naval de Portimão conquistou o título de vice-campeão do mundo na muito competitiva classe Hansa 303 Single ao vencer 2 das 9 regatas realizadas.

Outro velejador em destaque foi António Nóbrega, atleta do Clube Naval do Funchal que concluiu este mundial na 3ª posição na classe Hansa 2.3, uma classe para velejadores que estão numa fase mais inicial da sua carreira desportiva.

Com a tempestade Aline pelo meio e dias de vento muito forte, a Organização deste evento enfrentou um desafio enorme em termos logísticos: «É quase como se tivéssemos a organizar 2 ou 3 campeonatos em simultâneo. É um campeonato do mundo de vela normal e depois é um campeonato em que temos de ter as condições para que estes velejadores se desloquem em todo o recinto, de forma fácil e segura. Em terceiro lugar, e é algo que nos orgulhamos, conseguimos proporcionar um programa social intensivo, o que traz um enriquecimento maior do evento e que permite a estes velejadores irem daqui com uma experiência de vida única», referiu Luís Brito, diretor do evento.

**A Classe Hansa caracteriza-se por ter embarcações que são quase impossíveis de virar, com um centro de gravidade baixo e um patilhão lastrado. É possível adicionar comandos elétricos (servo) que auxiliam no comando do leme e das velas para quem tem deficiência motora.*

Nota: Fotografias no Facebook do evento, e texto a partir de nota de imprensa enviada.

100 ANOS DO PORTO DE SETÚBAL

Setúbal acolhe Encontro do Mar

A APSS – Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, a Câmara Municipal de Setúbal e a AEZULMAR – Associação Economia Azul organizaram o "Encontro do Mar – História, Economia, Ambiente, Responsabilidade social".

O evento decorreu no dia 22 de novembro, no Auditório Municipal Charlot, em Setúbal, e integrou o programa das comemorações do centenário do porto de Setúbal. Neste âmbito realizou-se uma conferência que juntou um conjunto de oradores que abordaram temáticas como desporto, história, economia, ambiente e responsabilidade social, no âmbito do relacionamento entre o porto e a cidade, e tendo em conta a economia do mar sustentável e a economia circular.

A primeira mesa-redonda, subordinada ao tema "A História e Evolução da cidade e do seu Porto de Setúbal", foi moderada pelo almirante Alexandre da Fonseca, e contou com intervenções de Vítor Caldeirinha sobre a evolução da atividade portuária ao longo dos anos, Diogo Ferreira, com uma análise histórica de Setúbal e do porto, e também com a participação do Presidente da Mútua, João Delgado, que abordou a história da pesca no concelho.

A segunda mesa-redonda foi subordinada ao tema "Economia Azul, moderada pelo almirante Gonçalves de Brito, e contou com a participação de Isabel Moura Ramos, que apresentou o tema "O futuro do porto e seu impacto na Economia", Tiago Pinho e Ricardo Salgado, que falaram sobre "A formação para o futuro", e Nuno Maia, que abordou a temática do "Associativismo e desenvolvimento local".

Decorreu também um "Flash empresas", momento que contou com um conjunto de pequenas apresentações de empresas ligadas à economia do mar.

A sessão de abertura coube ao Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, André Martins, e a sessão de encerramento ao presidente do Conselho de Administração da APSS, Carlos Correia.

Na sessão de abertura da sessão, André Martins, presidente da autarquia, sublinhou que "a visão partilhada pelo município e pela APSS é fundamental para a ligação entre a comunidade e o rio e para a requalificação do espaço urbano, bem como para assegurar as condições necessárias aos novos desafios de desenvolvimento da atividade portuária e do tecido produtivo de Setúbal."

O autarca assinalou ainda que, nos últimos 20 anos, a Câmara Municipal e as várias administrações que passaram pela APSS "construíram uma relação de efetiva cooperação e parceria" que resultou numa "proximidade muito grande, capaz de gerar interessantes parcerias", apontando como exemplos a organização da primeira edição das Festas da Baía, em setembro, e das várias edições da Semana do Mar, em anos anteriores.

Intervenção da Mútua: Em Setúbal, como no resto do país, continuar a defender a pesca

João Delgado abordou a história da pesca no concelho e realçou que "se falamos de Setúbal, de pesca, de pescadores e da comemoração de um centenário, importa evocar um outro centenário que funde e congrega todas estas componentes – o centenário da obra "Os Pescadores" de Raul Brandão".

O orador recordou as palavras do autor que, à época, já mencionava que "se a produção fosse bem organizada, tanto em terra como no mar, tendo em conta as excecionais condições da região, daria para "(…) alimentar duas ou três vezes a população de Lisboa". No entanto, lamentava, afirmando que "(…) nós só temos um sistema bem organizado - o da destruição…" Estas foram inquietações insanáveis para o autor que, por um lado diagnosticava o problema, e por outro deparava-se com a angústia perante o tamanho da sua incapacidade de intervir na transformação do setor, onde era fundamental conferir dignidade e futuro a quem dele dependia. Esta é uma confrontação tão válida há 100 anos, como no período histórico que habitamos – o fundamental não é traçar, diagnosticar, identificar, o fundamental é transformar o que existe, dando-lhe horizonte e futuro.

João Delgado destacou que, "nos vários períodos da história, existem evidências claras da importância desta região no que concerne à atividade piscatória, bem como a um vasto sistema de atividades conexas que se estendiam desde a construção naval, salicultura, indústria conserveira, e uma forte atividade comercial de produtos e serviços ligados ao mar e ao rio".

Após uma resenha sobre a evolução histórica da pesca no concelho, alertou "sobre a necessidade permanente de dragagem tendo em conta os assoreamentos contantes; garantir os direitos históricos da pesca face a atividades emergentes, sejam elas profissionais ou lúdicas, garantir e manter em perfeitas condições de utilização, no que concerne à segurança e higiene dos espaços, como armazéns de apoia à pesca; a problemática antiga do mercado de 2.ª venda, ao lado da lota, logo após o leilão, condições atuais para varagem das embarcações de pesca que garantam a segurança das embarcações e de quem opera com esta maquinaria pesada".

Realçando a questão da segurança, esclareceu que a Mútua dos Pescadores "está umbilicalmente ligada a este território, aceitando a transferência do risco de uma das atividades com maior sinistralidade no mundo do trabalho - a pesca profissional. Umbilicalmente ligada às grandes movimentações de ordem social, nos planos da ação coletiva, designadamente no movimento associativo da pesca, no movimento sindical ou no movimento cooperativo local e regional. Uma organização que no seu interior também espelha socialmente o que representa este território".

A Mútua dos Pescadores saúda a organização do evento, na pessoa do Eng.º José Themudo Barata, da Associação Economia Azul, que ao longo dos anos vem criando estas dinâmicas locais em torno dos assuntos do mar, envolvendo várias pessoas e organizações.

Pequenos Anúncios

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL "TREVO DA FELICIDADE"
Vila do Conde, Comp: 8,95 m; Boca: 3,40 m; Pontal: 1,20 m; GT: 5,40
Casco: Alumínio; Licenças: Cerco p/ bordo, Armadilhas de Gaiola 8 a 29 mm (Camarão branco legitimo), Pesca à Linha – Cana e Linha de mão, Redes de Tresmalho de Fundo >= 100 mm, Pesca a Linha – Palangre de Fundo – Espécies Demersais; Motor: VALMET DE 69,87 KW; Eletrónicos: 1 Sonar, 1 GPS Plotter, 2 Sondas, 1 Radar, 1 Piloto automático e 1 VHF
Contactar: 936 211 027/933 993 156

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL "FALCÃO PEREGRINO"
Vila do Conde, Comp: 14,65 metros; Boca: 4,10 metros; Pontal: 1,49 metros; GT: 18,54;
Casco: Madeira; Licenças: redes de emalhar 1 pano de fundo 60 a 79 mm, redes de tresmalho >= 100 mm, armadilhas de gaiola – alcatruzes,
pesca à linha – cana e linha de mão, pesca a linha – palangre de fundo – espécies demersais; embarcação com protocolo da ameijoa de 1998;
Motor: Pegaso (diesel 118,00 kw); Electrónicos: 1 Multifunções com Sonda e Radar, 2 computadores, 2 VHF, 1 AIS, Piloto automático, Radar
Contactar: 966 335 701/ 918 117 251

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL "FLECHA", PE-2375-L
Peniche, Comp: 7,20 m; Casco: fibra de vidro com cabine e convés. Motor: IVECO fixo;
Artes autorizadas: Emalhar de um pano – de fundo, Tresmalho – de fundo, Armadilhas de gaiola, Pesca à linha – utensílios de dilacerar, Pesca à linha – palangre de fundo
Contactar: 968 101 125/ 964 388 323

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA COSTEIRA "RAJA", PE-2208-C
Peniche, Comp.ff 10,55m; Comp. sinal: 8,88m; Boca de sinal: 3,50m; Casco: Madeira; Ano: 1997;
Motor fixo IVECO 44,74 Kw 60HP 2500 r.p.m. a gasóleo; Artes licenciadas: Tresmalho de Fundo, Armadilhas de Gaiola, Pesca à Linha Cana e linha de mão e Palangre de fundo, Emalhar de 1 pano
Contactar: 918 868 240 / 262081283

VENDE-SE GUINCHO PARA BARCO DE PESCA
Sesimbra - Preparado para trabalhar com bombas de débito variável. Muito estimado. Estava montado numa traineira de cerco.
Contactar: 910514534

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL "BIRRINHAS" S-1690-L, Setúbal
CFF – 6,26 m; Arq.bruta (GT) – 2,31. Motor Fixo, Mwm, 25,74 Kw. Gasóleo. Convés corrido. Licenças: Armadilhas – gaiola 30 a 50mm; Pesca à linha: Piteira, Cana e linha mão, Palangre de fundo, Toneira. Redes de emalhar 1 pano de fundo – 80 a 99 mm/ >= 100 mm
Contacto: SETUBAL PESCA - setubalpesca08@hotmail.com

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL "DIJOR" T-370-L
OBE 7,50 m em Fibra de Vidro – com Alador, Licenças de Pesca e palamenta completa. Motor YAMAHA semi novo, 80 CV com injeção direta. Eletrónicos: SONDA A CORES; GPS; RADIO BALIZA; VHF e RÁDIO
Contacto: 963 101 730

VENDE-SE EMBARCAÇÃO SEMI-RÍGIDA VALIANT DR750 (AKRON), PÓVOA DE VARZIM
Motor Verado de 200HP 4T, arco de luzes em inox com escada lateral de mergulho, consola PT6 com direcção hidráulica e comandos digitais (SmartCraft). Motor com 350 horas e revisão das 300 horas feita na marca.
Preço: 15500€ (IVA incluído), não inclui sonda nem VHF.
Pode ser visitada na Marina da Póvoa, mediante marcação através do 965 147 385
VENDE-SE LICENÇA DE PESCA
Licença de pesca p/ as artes de palangre e de covos
CONTACTAR: D. Noémia – 963 115 440
NECESSITA-SE ACORDO EM REGIME DE PARCERIA
Organizações Ormassamba Lda, localizada em Angola, pretende, em regime de contrato, 3 embarcações tipo traineira p/ pescar em águas territoriais angolanas. A empresa possui alvará de pesca.
CONTACTAR: Carlos Pedro – 00244923607756, ormassamba6363@yahoo.com.br
NEGOCEIA-SE LICENÇA DE PESCA PARA ANGOLA
Licença p/ pesca em águas territoriais angolanas p/ 1 embarcação polivalente até 60 m.; quaisquer artes; c/ capacidade de frio; possibilidade de venda do pescado em Portugal; sem necessidade de pagamento à cabeça; possibilidade de pagamento c/ parte das capturas. CONTACTAR: José A. Martins - 967820600
VENDE-SE EQUIPAMENTOS E ARTES
Vende-se avulso: hélice, guincho, covos e redes de tresmalho.
Contactar: Adão de Jesus – 258 820 147 ou 966 209 155
TROCA-SE LICENÇAS
Troca-se licenças de apanha submarina de algas, toneira e piteira por licença de alcatruzes. Contactar: Joel Pereira – 912456222 (Ericeira)
VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA
Embarcação "DOIS IRMÃOS" , VC-187-L; c.f.f. 6,15 m.; licenças p/ redes emalhar 1 pano de fundo 60 a 79 mm, 80 a 90 mm, >= 100mm; emalhar 1 pano de deriva 35 a 40 mm; arrasto de vara 20 a 31 mm; armadilhas de gaiola 30 a 50 mm; palangre de fundo espécies demarsais. Contactar: 918533410
VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA
Embarcação de pesca "Nova Ericeira", SN – 927 - L Sines; casco, braços e sistema alagem novos; motor MWM; 75 HP com 450 horas; bombas e sistema hidráulicos novos; sonda a cores Kodem de 500 braças; 2.82 GT; 9,13 m c.f.f.; 7,7 m c.sinal; 0,81 m. pontal; 2.35 m. boca; licenças: 1 pano fundo 80 a 90 mm; tresmalho 100 mm; palangre de fundo; arte de levantar secada.
Contactar: Horácio Caetano – tel. 965 667 138 / 963 174 225
VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE RECREIO
Embarcação de recreio - Livrete nº 354PV5; Ano: 1994; Motor: Mariner, fora de borda; 4,35 m.; Boca: 1,57; Pontal: 0,70; Arqueação: 0,558; Lotação: 4 p.; Casco: P.R.F.V.; Tipo e zona 5 águas abrigadas; Modelo: 8.14; H.P.25; 189 Km gasolina M; Sonda registadora marca J.M.F - modelo 707; nausat marca Garmin - modelo 126. Contacto: Isaac Leal – 917291103
VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE RECREIO
Embarcação de Recreio, Fibramar; Quarteira. 5,50 m.; motor Yamaha 50.00 HP – 4 Tempos; com bomba de esgoto com automático; auto rádio, sonda JRC/Cores, GPS--Garmin-420/cores; palamenta completa classe-5. Em muito bom estado. Valor: 12.500,00 €. Contacto: Miguel, Quarteira – 965710376 - minacio.8125@gmail.com

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL
Eletrónicos: M-R MERCURY 30KV; YAMAHA 50 KV; RADAR, JPS GARMIN, SONDA, RADIO VHF. Com várias artes licenciadas (emalhar, tresmalho, pesca à linha, artes de levantar, armadilhas).
Contacto: 917 802 391

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA
Embarcação "Maria Santana", C-120-C; 11,90 m. c.f.f.; sonda; GPS; VHF; motor 105 HP. Vende-se com artes. Licenças p/ rede de arrasto c/ vara, covos, tresmalho, palangre e pesca à linha.
Contactar: Venâncio Silva – 965165079; 258921797 (Caminha)

VENDE-SE EMBARCAÇÃO
Embarcação de pesca "JORGE MARIA"; c.f.f. 8.37 m .; 4.09 TAB; c.p.p. 7.84 m.; GT 4.06; pontal 1.20; boca 2.80.
Contactar: Manuel Agonia Marques Moita – tel. 913 647 990 ou Apropesca - 252 620 253 (Póvoa de Varzim)

VENDE-SE "SORRISO DA VIDA" (PESCA)
"Sorriso da vida", VC-123-C Vila do Conde
Contactos: 969629036/962353079

VENDE-SE "UADI-ANA" (MARÍTIMO-TURÍSTICA, GUADIANA E SOTAVENTO ALGARVIO)
Embarcação "UADI-ANA", VR-79-AC; c.f.f 18,15m; boca 5m; motor Cummins, modelo NH-250-M de 190HP.
Casco de madeira; sonda, vhf. Capacidade de 54 pessoas com tripulação, 2 casas de banho, bar, licença de navegação rio Guadiana e costa sotavento do Algarve.
Com todas as licenças pronta a operar. (Vende-se firma de animação turística com esta embarcação, 2 carrinhas de 9 lugares, 2 insufláveis e 4 trampolins). Contacto e informações: Rui Gaspar - 968 831 553
VENDE-SE EMBARCAÇÃO PESCA LOCAL "Pedra do Leme", NAZARÉ
"Pedra do Leme" N- 2327-L comprimento f.f. 7.88 m; Licenças Tresmalho, Armadilhas de gaiola, Alcatruzes Anzol. Contacto 969 750 459
VENDE-SE "PEIXE DE OURO", VR-529-C (PESCA)
"Peixe de Ouro", VR-529-C; Ano: 2007; Fibra de Vidro – Motor: Scania (ultima geração), tipo fixo, gasoleo, de 147 CV (homologados). C.f.f.: 14,98 m; comp. entre perpend. 13,00 m; pontal: 2,00m; boca sinal: 5,00m; arqueação bruta (GT) 26.70. 2 VHF, 3 GPS, 1 radar. Licenças: covos/alcatruzes/redes emalhar e tresmalho/linha--palangre de fundo. Bom preço. Pagamento negociável.
Contactos: 932378332 / 917215353
VENDE-SEGPS E BALSA
Vende-se GPS plotter Furuno 188. Vende-se balsa p/ 16 pessoas.
Contactar: 966 548 563
VENDE-SE EMBARCAÇÃO DESPORTIVA
c.f.f. 4,60 m.; boca 1,80 m.; lotação 6 lugares; motor Honda 15 CV – 4 tempos.
Contactar: 914 258 057

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA COSTEIRA "MESTRE LADEIRA", PENICHE
Cump f.f. 9,65 m; Boca sinal 3,75 m; Ponta de sinal 1,50 m. Casco em Fibra. Motor SISUDIESEL, 70 KW. Artes licenciadas: Pesca à linha (palangre de fundo, cana e linha de mão); tresmalho, emalhar 1 pano; armadilhas de gaiola e abrigo.
Contactar: 261 411 247 ou 914 201 951
VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL
c/ 4,70M muito recente - 8.500 euros
Motor Honda a quatro tempos 40 cv; Equipado com chart- plotter Sonda e GPS Raymarine a Côres; Licenças de Rede de Emalhar de 1 Pano de Fundo; Pesca à Linha Palangre de Fundo; Cana e linha de mão; Piteira; Toneira; Artes de levantar- Rede de saco com boca fixa. Inclui atrelado praticamente Novo.
Contactar: Paulo 912 547 557

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA COSTEIRA "CAETANO MARAFONA", VILA DO CONDE
Com licenças de pesca e aparelhos. GT 83. 18,5 m
Contactar: 966 706 311/962 759 877

VENDE-SE LANCHA, BARCO, BOTE PESCA LOCAL "QUIM ROSCAS", SESIMBRA
Cump. 7,80 da fibramar com ponte fibramar. Licenças covos, alcatruzes, palangre fundo, redes emalhar. Gps, Sonda, vhf, radar, radio fm (tudo como novo). 2 motores hidráulicos, guincho, alador pratos, polèia, muitos apetrechos em inox. Dois motores, 1 Yamaha 80hp (100), 1 Yamaha 40hp (60). Toda a palamenta incluída.
Contactar: AAPCS - Associação de Armadores de Pesca Artesanal Centro e Sul, Sesimbra Telf 212 280 586 / Fax 219 363 228 / Tel 964 382 464

VENDE-SE EMBARCAÇÃO PESCA COSTEIRA "SOFIA ODÍLIA", SESIMBRA
Comp: 9.96m. Arqueação Bruta: 5.00m. Boca: 2.85m. Pontal: 0.92m. Casco: Madeira. Motor : Volvo Penta de 63.38 KW
Licenças de Pesca: Tresmalho de fundo >= 100mm; Palangre de fundo – Espécies demersais; Toneira; Emalhar de 1 Pano – 80 a 90mm e >=100mm; Eletrónicos: Sonda, Radar, GPS
Contactar: 969 805 751/212 280 586
VENDEM-SE ATUNEIRAS - OLHÃO
12 toneiras para pesca ao choco, lula, polvo. Toneiras de chumbo para pesca ao choco lula polvo, com coroa de picos inoxidável extremamente resistentes e duráveis picos afiados varias cores disponíveis brilham no escuro para pesca noturna as lulas (mencionar na compra). Preço: € 30,00euros - 12 unidades - quantidade negociável. Entregues em 24h em todo país - portes incluídos - só paga quando recebe em casa. Telefone: 910000000 / Email: artigos1988@hotmail.com
VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE RECREIO
Embarcação de Recreio, Fibramar; Quarteira. 5,00 m.; motor Yamaha 25.00 HP-4 tempos; com consola central com caixa de comandos da Yamaha; com sonda e GPS, com Haleron de Inox e luzes de navegação; palamenta completa classe-5. Vistorias em dia. Em muito bom estado. Valor: 4.000,00 €. Contacto: Marco, Quarteira – 963969222 - minacio.8125@gmail.com – envio de fotografias para os interessados.
VENDO LICENÇA DE REDE DE EMALHAR DE 1 PANO DE FUNDO
Contacto: Paulo 912 547 557

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL "CARLA PATRÍCIA", ALBUFEIRA
Comp. fora a fora 6;98; Pontal de sinal: 0,72; Boca sinal: 2,47; Arqueação Bruta: 2,480, Casco: Fibra de vidro – PRFV; Licenças de pesca: armadilhas de gaiola-covos, pesa a linha, rede emalhar 1 pano, tresmalho de fundo; Motor Propolsor - 50cv (820 horas) Yamaha – 37,29 KW. Contacto: 967 315 965

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA "MARTA SOFIA", PV-250-C, PÓVOA DE VARZIM
Comp. fora a fora 19,52 m; Arqueação Bruta (GT) 46,37
Licenças de pesca: armadilhas: Covos de 30 a 50mm e alcatruzes; pesca à linha palangre de fundo – espécies demersais; redes de emalhar fundeadas 60 a 79 mm; redes de tresmalho >= 100 mm. Motor Scania 214,03 KW
Contacto: 963 777 308

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA "VERA MARINA", PÓVOA DE VARZIM
Barco de pesca para venda com ou sem artes de pesca. Casco novo, em muito bom estado. Tem todo o equipamento eletrónico necessário, assim como máquina alar redes, alador de potes, entre outros mais equipamentos.
Comp. fora a fora 17,50 m. Sinal 14,96 m. Boca de sinal 4,73 m. Ponta de sinal 2,12 m. Motor do barco marca Caterpillar.
Contacto: 916 374 251

VENDE-SE BARCO DE PESCA LOCAL "NASCIMENTO", FIBRA, SESIMBRA
Construção na Riamar, de 1996. Motor Volvo penta.
Comp. 8,28 m; Boca 3,36 m; Pontal 1,64 m. 58,93 kW. Arqueação bruta 6,69
Lotação máxima: 6 p. Lotação mínima: 2/3. Com Licenças: Redes de emalhar e enredar tresmalho com malha superior a 100mm; emalhar e enredar redes de emalhar fundeadas com malha 60-79mm, 80-99mm e superior a 100mm; Linha e anzol palangre fundeado espinhel espécies demersais; Linha e anzóis com linha de mão e cana.
Vistorias, certificados, licenças em dia, barco encalhado para manutenção e pintura em março de 2020. Sem nada a apontar. Sem artes de pesca. Pronto a trabalhar.
Valor: 29.000€.
Contato: 910 514 535

VENDE-SE MOTOR MARCA CUMMINS, USADO, SESIMBRA
Modelo KTA 19 de 600 CV. Caixa TWIN DISK, modelo MG-516, Ratio. 4.01.1.
Contato: 910 514 535
COMPRO EMBARCAÇÃO DE PESCA ATÉ 9 METROS
Compro embarcação de pesca - de preferência alumínio, para pesca local.
Contacto: José Cunha, Viana do Castelo – 964544990 - salvador_sd@hotmail.com

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE MADEIRA "SENHORA DA PIEDADE"
Em muito BOM estado 10.66m; Motor Cummins.C/ licenças: Palangre; Redes de Emalhar 1 Pano; Covos; Alcatruzes; linha à mão.
Contato: 965 460 291
VENDA DE LICENÇAS E ARTES DE CERCO/XÁVEGA
N-2564-L
Contato: 918 855 931

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA COSTEIRA "TÂNIA MESTRE" PE-2297-C, FIBRA, PENICHE
Construção Nautiber, de 1993. Motor MWM 110 HP.
Comprimento: 10.60, Boca: 3.20, Pontal: 1.55, Arqueação Bruta: 11
Lotação máxima: 6 lotação mínima: 2
Licenças: Redes de Emalhar (1 Pano- Fundo), Pesca a Linha (Palangre Fundo), Armadilhas Abrigo (Alcatruzes / Covos) e Redes de Tresmalho (Fundo).
Com artes de pesca: Covos
Contacto: 918 806 206

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA "ALBERTINO CASTANHO", PÓVOA DE VARZIM
Pronta a trabalhar. Contactos: 966 620 270 ou 966 620 271.

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL "PÉ DE BURRO"
FIBRA – PTPEN-113986-L, Comp. ff: 8,80 m, Motor Cummins de 160HP, equipado com Radar Garmin; 2 sondas Furuno; 2 GPS; Rádio VHF-Sailor. Licenças: Redes de Tresmalho, de Enredar e de Emalhar, Rede de Sacada, Rede de saco com boca fixa, Linhas e Anzóis, Palangre fundeado, Espinel, Toneira, Linha de mão, Cana, Pilado.
Contacto: 928 027 425

VENDE-SE EMBARCAÇÃO DE PESCA LOCAL "DEUS É AMOR"
MADEIRA, PENICHE, Comprimento: aprox.7 m, Boca: aprox. 2,20 m, Lotação máxima: 5, Licenças: Armadilhas, Nassas, Covos, Alcatruzes, Murejonas, Alcatruzes, Linhas e anzóis, Linhas simples e de Vara manuais, Cana, Linhas de mão, Palangres fundeados, Espinel (espécies demersais), Redes de Sacada operadas de embarcações, Rede de saco com boca fixa, Redes de Emalhar e de Enredar, Redes de Tresmalho.
Contacto: 914 623 474 (Tó Manuel); 917 502 915 (Maria Caetana)

Este é um serviço gratuito, aberto a todos os marítimos, e a informação disponibilizada é da responsabilidade dos próprios, podendo ser adaptada por questões de espaço.

TORNE-SE MEMBRO DA 1ª COOPERATIVA DE UTENTES DE SEGUROS PORTUGUESA

Beneficie de vantagens em produtos e serviços por todo o País.

CaptDamas.com

Confraria de Nossa Senhora da Nazaré

Parque de Campismo SITAVA

Servilusa
Agências funerárias
Consigo nos momentos difíceis

Parque Cerdeira
Turismo na Natureza

Ad Mare Solutions
Soluções Ambientais Integradas, Lda

Farmácia Central

Optica Arte de Ver

Associação Mutualista Montepio

Dias & Sabino, Lda.
Estaleiro Naval
Construção e Reparação de Barcos de Pesca e Recreio

ANDST
Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados no Trabalho

forsailing

Farmácia do Rio
Rede Barral

Farmácia Silvério

clínica ortopédica da algodeia
• Ortopedia • Fisioterapia •

EMA
Escola do Mar . Açores

Ortopedia Sorrisos

FIT-IT Ginásio

Associação David Melgueiro

Thalasso nazaré - portugal

Motolusa
Grupo Auto-Industrial

AudiçãoActiva
o seu aparelho auditivo

Venha conhecer-nos e saiba mais em www.mutuapescadores.pt ou nos nossos balcões.